



Universidade de Brasília – **UnB**
Centro de Formação Continuada – **CFORM**
Ministério da Educação – **MEC**
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - **SEEDF**
Curso de Especialização em Letramento
e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º ao 9º ano)

LER & ESCREVER: AÇÃO DE TODOS!
TRABALHANDO O ESTUDANTE, FORMANDO O PROFESSOR

Vitória Régia de Oliveira Pires

Brasília/DF
2015

Vitória Régia de Oliveira Pires

LER & ESCREVER: AÇÃO DE TODOS!

TRABALHANDO O ESTUDANTE, FORMANDO O PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º ao 9º ano) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e Práticas interdisciplinares.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Dilma de Almeida Pereira

Brasília

2015

LER & ESCREVER: AÇÃO DE TODOS!
TRABALHANDO O ESTUDANTE, FORMANDO O PROFESSOR

Vitória Régia de Oliveira Pires

Projeto aprovado em _____ de _____ de 2015

Banca examinadora:

Orientadora: _____
Profa. Dra. Ana Dilma de Almeida Pereira – UnB

Membro externo: _____
Profa. Dra. Cláudia Heloisa Schmeiske da Silva – Faculdade JK

Membro interno: _____
Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias – UnB

“[...] Sonhamos com uma escola pública capaz,
que se vá construindo aos poucos num espaço de criatividade.

Uma escola democrática em que se pratique
uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda
com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez.
Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos,
se ensine também a pensar certo.”

(Paulo Freire)

“A gente se faz educador,
a gente se forma, como educador,
permanentemente,
na prática e na reflexão sobre a prática.”

(Paulo Freire)

“Falar é dizer ao vento.
Escrever é contar ao tempo.”
(Pe. Antônio Francisco Bohn)

Agradeço...

... ao Pai Criador, por sua fé no crescimento espiritual do ser humano.

... à minha mãe, Maria de Jesus, por sua contagiante vontade de aprender.

... os meus filhos, Liliane, Vítor e Diego,

primeiros alunos e eméritos professores em minha vida.

... ao meu neto, Heitor Eduardo, que me fortalece com seu amor incondicional.

... aos professores de ontem e de hoje que conosco partilham seus saberes.

... aos meus alunos, fontes diárias de inspiração,

de inquietação e de estímulo para aprender, antes de ensinar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	16
1.1.1 Geral:	16
1.1.2 Específicos:	16
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	17
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
3.1 Alfabetização e Letramento	21
3.2 Os Multiletramentos na Escola.....	22
3.3 O que muda com os Multiletramentos.....	24
3.4 O Professor, o Estudante, a Leitura e a Escrita	26
3.5 A Escola, o Cidadão, a Aprendizagem e o Ensino.....	29
3.6 Ler se aprende e se ensina.....	30
3.7 A Formação Continuada do Professor	31
4. METODOLOGIA E PESQUISA	34
4.1 Fundamentação Metodológica	34
4.2 Contexto Específico	35
4.3 Participantes	39
4.4 Procedimentos de Análise de Dados	41
4.4.1 Como pensam os Professores.....	41
4.4.2 O que gostariam os Estudantes.....	51
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	72

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre as práticas pedagógicas de fomento à leitura e à escrita nos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, recorreu-se às teorias relacionadas à formação de leitores e de escritores no contexto da escola básica, envolvendo tanto o estudante quanto o professor. Analisou-se a prática pedagógica dos sujeitos da pesquisa na perspectiva do professor como agente de letramento, partindo-se da premissa de que o estudante alfabetizado não é, necessariamente, letrado. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, por ser uma das mais adequadas ao cotidiano escolar. A constatação da autonomia desejada ao estudante, tanto na escrita quanto na leitura, assim como na oralidade, será o indicador de que o objetivo de trabalho do professor foi alcançado, uma vez que só há ensino se houver aprendizagem.

Palavras-chave: leitura; produção textual; professor; estudante; livros.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre las prácticas pedagógicas de promoción de la lectura y la escritura en los últimos años de la escuela primaria. Con este fin, se utilizó teorías relacionadas con la formación de lectores y escritores en el contexto de la educación básica, con la participación tanto para el estudiante y el profesor. Se analizó la práctica pedagógica de los sujetos de la investigación, en la perspectiva del profesor como agente de la alfabetización, a partir de la premisa de que el estudiante sabe leer y escribir no es necesariamente alfabetizado. El método de investigación utilizado fue la investigación etnográfica cualitativa, como uno de los más adecuados a la rutina escolar. La realización de la autonomía deseada para el estudiante, tanto por escrito como en la lectura, así como oral, será el indicador de que el objetivo del trabajo del maestro se ha logrado, ya que sólo hay enseñanza si existe aprendizaje.

Palabras clave: Lectura; producción textual; profesor; estudiante; libros.

1. INTRODUÇÃO

Quando a criança nasce, a primeira leitura que ela aprende a fazer é ler seus pais, mais especificamente, sua mãe. Ela lê, não decifra signos. Lê os sentimentos, as emoções, o tom da voz, os ruídos à sua volta, o cheiro. E nesse ler a vida, ela cresce e se desenvolve. Assim, chega o momento de ir para a escola e aprender a ler as letras e o mundo.

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (FREIRE, 1996, p. 123).

Hoje, cada vez mais cedo, as crianças são inseridas no mundo letrado. A escola, nesse contexto, cumpre uma das suas principais atribuições: apresentar ao estudante o mundo letrado, fomentar no estudante o encanto por esse mundo para que, ao conhecê-lo melhor, possa ele descobrir suas infinitas possibilidades.

O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados (FREIRE, 1996, p. 123).

O encantamento com o mundo letrado tende a seguir dois caminhos: o da valorização ou o da desvalorização. Qual caminho seguirá o estudante? Vai depender e muito de como será conduzido, estimulado e orientado por seus mais diferentes professores. Segundo Bortoni-Ricardo (2010), “o indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais.”.

No seu aprender, o estudante terá contato obrigatório com a escrita e com a leitura. Que valor creditará à leitura? Como perceberá sua importância em sua vida estudantil, pessoal, e, no momento certo, profissional? Como será sua autonomia para escrever? Terá segurança, conhecimento, facilidade ou esquivar-se-á?

A escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo. O aprendiz precisa das outras pessoas para começar e para continuar escrevendo. O que vai determinar o nosso grau de familiaridade com a escrita é o modo como aprendemos a escrever, a importância que o texto escrito tem para nós e para nosso grupo social, a intensidade do convívio estabelecido com o texto escrito e a frequência com que escrevemos (GARCEZ, 2012, p. 2)

A leitura e a escrita passarão toda a vida acadêmica do estudante e, quando este se formar, se verá novamente na encruzilhada: continuar a ler, a escrever com mais precisão e coerência e trabalhar sua formação continuada ou deixar de lado a leitura e a escrita e se entreter com outras ferramentas, com aplicativos moderníssimos, mas nem sempre educativos?

Compreendemos também que a leitura é imprescindível para que o redator chegue a apresentar um bom desempenho, pois ela oferece oportunidades de contato intenso com as infinitas possibilidades da língua, com os diversos gêneros e tipos de textos e com as informações e ideias que circulam no nosso universo (GARCEZ, 2012, p. 10).

Considerando que a escola tem um papel fundamental na iniciação e na ampliação do repertório de leitura dos estudantes, assim como na aprendizagem e prática do uso da língua nativa padrão, é necessário refletir sobre como a escola e seus sujeitos têm atuado quanto à responsabilidade de formar leitores com desenvoltura na oralidade e na escrita. Bortoni-Ricardo (2010) afirma que a leitura é um processo sintetizador.

A leitura possibilita a aquisição da maior parte dos conhecimentos acumulados pela humanidade e suscita nos seus praticantes as mais diferentes emoções. Por meio da leitura, desenvolve-se a imaginação e o raciocínio crítico. Ela é a chave que permite, a quem a pratica, entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação.

A leitura é tão importante que incentivá-la é compromisso que deve ser assumido por todos os segmentos escolares. Dessa forma, a escola deve considerar a leitura como objeto de aprendizagem e como tal, fomentar o interesse no

estudante, promovendo seu encontro por meio de atividades lúdicas e dinâmicas, conquistando, pelo prazer e pela curiosidade, leitores competentes para compreender e criticar o que está além da escrita.

O amor pelos livros não aparece de repente, é necessário ajudar o estudante a descobrir o que eles podem oferecer. Além da família, a escola também participa desse processo de aprendizagem, tendo o professor o papel de oferecer condições e recursos para o desenvolvimento de uma leitura prazerosa. Esta, em suas mais diferentes formas e suportes, possui um universo multiletrado a ser descoberto pelo estudante, mediado pelo professor, na escola, e por seus pais ou familiares, no meio social.

O ato de observar é uma leitura que se faz de algo ou alguém, levando naturalmente ao ato de pensar e raciocinar. É assim que o ser humano aprende. A leitura pode ser feita de várias formas, embora quem a faça nem sempre se aperceba disso.

Na escola, os estudantes têm o conceito formado de que ler se limita apenas a juntar letrinhas que formam palavras e frases que nem sempre têm sentido para eles, principalmente quando o texto lido está muito além de sua fase escolar. Essa aparente ou verdadeira dificuldade faz da leitura e da escrita uma tarefa sem maiores atrativos, apenas por obrigação. A percepção equivocada do que é ler e do que é e para que serve o escrever é comum em estudantes de escolas onde o hábito de ler não faz parte da rotina diária, assim como o de escrever que, na maior parte, se limita apenas a copiar.

É imprescindível que o trabalho realizado na escola contemple o maior número de tecnologias possível, resignificando os conceitos de "leitura e escrita", de "interação e cooperação", de "informação e produção de conhecimento", de "intelecção e interpretação", ampliando, deste modo, a compreensão, a reflexão e a visão que se tem da realidade.

O indivíduo que não lê, não se posiciona com clareza de intenções diante das situações impostas pelo convívio em grupo e muito menos pode interferir de maneira

satisfatória na sua história de vida. Transforma-se numa marionete, pois não conquistou a liberdade que só o pensar e o refletir pode oferecer.

O leitor crítico vai além da compreensão do texto, ele consegue ler nas entrelinhas e estabelecer relação entre o texto e o contexto social, por isso é importante que os textos selecionados e trabalhados pelos professores possibilitem a ampliação do conhecimento da realidade. As diferentes formas de se trabalhar com a leitura são úteis e uma ou mais se adéquam ao objetivo do professor.

Entende-se como leitura tutorial aquela em que o professor exerce papel de mediador durante o processo de leitura e compreensão; nessa proposta, o professor deve atuar fazendo intervenções didáticas, por meio das quais interage com os alunos, a fim de conduzi-los à compreensão do texto (...) é, pois, uma leitura compartilhada (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 51).

A escola precisa e deve formar pessoas de mentes abertas, livres e independentes. Este desafio tende a ser mais acessível, acenando com maior probabilidade para os leitores usuais. Para tanto, é indicado que seus sujeitos busquem proporcionar ao estudante o entendimento de que o ato de ler e de escrever é algo diário e que acontece por meio dos mais diferentes suportes, destacando que a leitura é o meio pelo qual ele tem acesso aos valores, saberes e conhecimentos já produzidos pela humanidade.

O dia a dia da sala de aula é uma fonte inesgotável de possibilidades de leituras, de avaliações, de compreender que é possível ser ético e cortês na relação ensinar/aprender.

Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (FREIRE, 1996, p. 97)

Com as mudanças do mundo contemporâneo, os profissionais da educação são, constantemente, desafiados a se reinventar, a ser um pesquisador contumaz para se apropriar dos saberes necessários à nova realidade, que exige do cidadão noções, entendimentos, visões e concepções próprias frente a diferentes temáticas.

O automatismo e a rotina fazem com que experiências valiosas se percam por falta de sensibilidade, interesse e sutileza do educador em captá-las e delas fazer a matéria de seu crescimento como pessoa, como profissional e como cidadão. Quando a experiência do dia a dia é valorizada, a rotina se transmuda em aventura. A relação educador-educando oferece-se como espaço de desenvolvimento pessoal e social de seus protagonistas (COSTA, 2001, p. 17).

Esta postura apresenta-se como determinante na busca de quem deseja participar da vida de inúmeros estudantes: crianças, jovens e adultos que procuram compreender o mundo onde vivem, do qual absorvem crenças e valores, por meio dos quais se constituirão como cidadãos, como indivíduos, como seres de participação ativa ou passiva na sociedade. Acompanhar tantas mudanças parece ser tão complexo quanto contribuir com a formação consciente de indivíduos críticos e proativos de uma sociedade.

O mundo do Século XXI é compreendido a partir de uma rede imensurável de conhecimentos aplicáveis, produzidos de maneira interativa, integrada e com objetivos polivalentes. Indivíduos despercebidos desta realidade se tornam invisíveis em uma sociedade, hierarquicamente, seletiva.

Além disso, enquanto o trabalho primário vai sendo atribuído às máquinas, exigem-se dos homens as habilidades que lhes são exclusivas, como a produção de textos. Os profissionais que dominam essas habilidades mais complexas e sofisticadas têm mais chances no mercado de trabalho, a cada dia mais seletivo (GARCEZ, 2012, p. 8).

O desafio é muito mais do que apenas o repasse de informações em diversas áreas do conhecimento. A função da Escola se altera quando, em seu ambiente, se encontram indivíduos perdidos e perplexos ante o novo cenário global: mundo real X mundo virtual. O modelo de educação do passado confronta-se com o novo paradigma instaurado na atualidade e gera controvérsias.

Como sempre, podemos aí repetir os equívocos clássicos instrucionistas, à medida que embasamos tudo em aulas reprodutivas e esperamos que o aluno as reproduza, por sua vez. O uso das novas tecnologias, em especial da Internet, pode facilitar ainda mais o instrucionismo: nela nada se cria, tudo se copia (DEMO, 2006, p.16).

A prática pedagógica dos professores na escola, notadamente nos anos finais do Ensino Fundamental, deveria ter, como eixo, a leitura e a escrita autoral. Entretanto, essa não é uma prática recorrente e o estudante, ao concluir a Educação Básica, muitas vezes, não domina com fluência nem a leitura nem a escrita.

O professor, para ter estudantes com hábitos saudáveis de leitura e bom desempenho na escrita autoral, necessita reconhecer, em ambas, a importância que elas têm no desenvolvimento pedagógico dos estudantes e na formação continuada dele próprio. Se o professor não for um leitor entusiasmado, terá ele condições de motivar seus estudantes para que se tornem bons leitores, leitores independentes, e tenham segurança para a escrita de textos autorais? Garcez (2012) diz: “Sempre acreditei que, para ensinar a escrever, era necessário viver intensamente o desafio da minha própria escrita.”.

Para Solé (2009) quem leciona também deve aprender progressivamente a compreender e produzir os textos próprios de suas áreas. A especialista espanhola, por experiência própria e por pesquisas acadêmicas, sabe que o professor, independente de sua área e de sua disciplina, deve se responsabilizar pelo escrever e pela leitura. Ainda segundo Solé (2009), os estudantes devem encontrar bons modelos de leitor na escola, especialmente aqueles que não possuem esse em casa. Completando o pensamento de Isabel Solé, Garcez (1996) propõe ao professor:

Crie, pouco a pouco, uma pequena biblioteca em casa, vá à biblioteca, frequente livrarias, troque livros com os amigos e se esforce sempre. Um professor que gosta de ler, como já vimos, transmite essa paixão para seus alunos naturalmente (GARCEZ, 1996, p. 52).

O mundo virtual que permeia todos os ambientes sociais tem sido apontado como culpado pela falta de vontade de ler de crianças, de jovens e, até mesmo, de adultos, mas será que o livro adequado à faixa etária dos estudantes, com temas que despertem neles o interesse e a vontade de ler foram oferecidos a eles? E a possibilidade de ler sem cobrança foi mencionada? A leitura pode ser em um e-book e a escrita no Word?

A formação inicial do professor é essencial para que ele se conscientize de seu papel enquanto intelectual transformador, como afirma Giroux (1987). Entretanto, tão importante quanto a inicial é a formação continuada, responsabilidade primeira do próprio profissional, seguida da instituição educacional onde atua.

Na chamada Sociedade da Informação, processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque e passam a exigir um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar em grupo e de se conhecer como indivíduo. Cabe a educação formar esse profissional e para isso, esta não se sustenta apenas na instrução que o professor passa ao aluno, mas na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento de novas competências (MERCADO, 2002, pp.12-13).

Na versão preliminar da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2015), o então Ministro de Estado da Educação, Sr. Renato Janine Ribeiro, afirma que “sem um forte investimento na educação básica, o País não atenderá aos desafios de formação pessoal, profissional e cidadã de seus jovens”. Isso é fato! Sem recursos e sem vontade, a educação permanece deseducada. Se o professor não é constantemente motivado, estimulado a ser um eterno aprendiz, tornando-se pesquisador reflexivo de sua própria prática, não se capacitará suficientemente para ensinar e o país, como disse o Ministro, não terá meios para formar adequadamente seu povo.

Esta pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico foi pensada e organizada levando-se em consideração um ano letivo. Houve, inicialmente, um trabalho de apresentação da proposta para as equipes gestora e pedagógica da escola. Após a análise das equipes, foi sinalizado positivamente para o desenvolvimento do projeto,

estudo da pesquisa, que teve a seguinte operacionalização: sensibilização do corpo docente, estudo de textos relacionados aos temas leitura e produção textual no ensino fundamental, apresentação da justificativa para a implantação do projeto, definição dos objetivos, pesquisa analítica dos pressupostos teóricos que embasam a reflexão, aplicação de questionários e para professores e estudantes, entrevista com professores e estudantes, análise dos dados coletados e considerações finais.

A pesquisa qualitativa (...) se diferencia da quantitativa por estar orientada à produção de ideias, ao desenvolvimento da teoria, e nela o essencial é a produção de pensamento não o conjunto de dados sobre os quais se buscam significados de forma despersonalizada na estatística (GONZALEZ REY, 2011, pp. 69-70).

O que se pretende alcançar com essa pesquisa são ideias que permitam a melhor compreensão e análise das práticas pedagógicas de fomento à leitura e à escrita autoral, adotadas por professores dos anos finais do Ensino Fundamental, visando identificar a sua efetividade na promoção de aprendizagens significativas e na formação do estudante-leitor e do estudante-escriptor. Terá como local de aplicação uma escola pública da periferia de Brasília-DF, vinculada à Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral:

✓ Analisar como se dá a prática pedagógica do professor na perspectiva da formação do estudante-leitor e do estudante-escritor nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública do Distrito Federal.

1.1.2 Específicos:

- a.** Estudar as teorias relacionadas à formação de leitores e à prática da escrita, no contexto da escola básica;
- b.** Observar a prática pedagógica dos professores, como agentes de letramento;
- c.** Observar o estudante em relação às práticas sistematizadas pelos professores para o fomento à leitura e à produção autoral de textos;
- d.** Analisar os resultados obtidos pelos professores na promoção de práticas pedagógicas voltadas para a leitura.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, mais especificamente em um Centro de Ensino Fundamental de Ceilândia.

A faixa etária dos estudantes varia entre 10 e 16 anos, no ensino regular diurno. A escola tem, este ano, 29 turmas, com uma média de 38 estudantes cada. É uma escola com bons projetos pedagógicos que, em 2014, foi vencedora de dois concursos nacionais em educação: 4º Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos e 8º Prêmio Professores do Brasil (Centro-Oeste e Nacional, na categoria Anos Finais) e, em 2015, venceu o 10º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, na categoria Escola promotora da Igualdade de Gênero. O projeto interdisciplinar que recebeu os prêmios foi, em maio/2015, indicado para representar o Brasil no 1º Prêmio Ibero-Americano de Educação em Direitos Humanos, em dezembro próximo, em Lima/Peru.

O grupo de professores é bastante diversificado: há professores efetivos que estão na mesma escola há mais de duas décadas, contrapondo-se aos poucos recém-efetivados; há um número significativo de professores contrato temporário; há também um percentual grande de professores readaptados, que atuam como apoio, na sala de leitura, na mecanografia e no administrativo, além de monitores que atuam no projeto Mais Educação e na Sala de Recursos, atendendo alunos com necessidades educacionais especiais.

A formação dos professores é básica. Poucos são os que têm pós-graduação. Um dos professores mais novos é mestrando, um dos coordenadores pedagógicos é doutorando e o vice-diretor, doutor. Como o grupo maior e mais antigo da escola é de professores com, em média, 24 (vinte e quatro) anos de magistério, percebe-se neles a descrença, a desmotivação, a apatia em relação ao estudo, à formação continuada, com raras exceções.

Eis contradição lancinante: o profissional do estudo não estuda. O aluno não aprende a estudar com alguém que já não estuda mais. O acesso a tecnologias educacionais poderia ser alternativa interessante, porque é bem mais flexível. Neste sentido, é preciso incluir no bom uso das tecnologias em educação o resgate do professor (DEMO, 2006, p.123).

A comunidade escolar é composta por pais ou responsáveis que residem no entorno da escola, no entanto, em razão do crescimento populacional, a escola tem, entre seus estudantes, um percentual significativo de estudantes que residem em Águas Lindas/GO e adjacências.

A clientela – pais ou responsáveis – tem a expectativa de que, ao matricularem seus filhos nesta Instituição de Ensino, estarão oferecendo a eles a oportunidade de aprender e de conviver em um ambiente ético e inclusivo, que contribuirá para torná-los seres humanos íntegros e participativos (DF, 2014, p.07).

Para os estudantes, que muitas vezes vêm de longe, a pé ou ônibus, frequentar esta escola é uma opção que, segundo eles mesmos me disseram, “vale a pena o sacrifício”.

Já os alunos, razão primeira do existir da escola, têm a expectativa de ter no ambiente escolar um local onde conhecerão novas pessoas, farão amigos, aprenderão algo que fará a diferença em suas vidas, terão experiências novas e atividades lúdicas, permeando todo o saber (DF, 2014, p.07).

A linha de pesquisa proposta teve por objetivo refletir sobre as práticas pedagógicas de fomento à leitura, com foco em sua aplicabilidade em sala de aula e, para isso, os instrumentos de coleta de dados foram dois questionários: um para o professor (Anexo A) e outro para o estudante (Anexo B). Além desses, a observação das atividades e da atuação, tanto do estudante como do professor, e uma entrevista individual serviram de base para as análises propostas.

O projeto começou a ser elaborado em 2014 quando eu, Supervisora Pedagógica da escola, local da pesquisa, iniciei um curso de extensão na Universidade de Brasília e, à medida que os módulos eram desenvolvidos, meu

olhar para as ações dos professores, no cotidiano escolar, mudou. Essa mudança fez com que eu percebesse a necessidade de se criar estratégias diferenciadas para alcançar o objetivo de ver o estudante lendo mais e escrevendo melhor. Mas, antes de se chegar ao estudante, era imprescindível passar pelo professor, tornando-o parceiro da experiência.

Desenvolver pesquisa dentro do ambiente escolar, tendo o próprio educador como pesquisador e os atores da escola como sujeitos da investigação, é uma atividade bastante desafiadora. O esforço do distanciamento crítico, tão necessário à prática da pesquisa, ocorre justamente no tempo da reflexão, da escuta e das ponderações na análise dos dados. Assumimos, portanto, um mergulho na realidade escolar com o desafio da observação crítica, da contestação e da possibilidade de inovar (FIGUEIRA, 2015, p. 16).

Se ler e escrever é ação de todos na escola, o trabalho com a pedagogia de projetos é uma estratégia adequada para envolver a todos. A partir dessa premissa, o Projeto Ler & Escrever: Ação de todos! – Trabalhando o estudante, formando o professor - foi elaborado. É um projeto interdisciplinar e, como tal, pretende resgatar o todo do ler e do escrever, fragmentado nas diferentes disciplinas:

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefeiro escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o “eu” convive com o “outro” sem abrir mão de suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento (FAZENDA, 2013; p. 88).

O homem globalizado, o estudante conectado, o professor antenado fazem parte do novo século, onde o solitário, o isolado e o competitivo serão substituídos pelo colaborativo e a escola, essencial nesse contexto, auxilia quando muda sua metodologia.

Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola é um marco na vida de qualquer ser humano: se ele a frequenta desde pequeno e aprende o que lá é ensinado, sua vida terá um norte; se a ele nunca foi oportunizada sua matrícula ou permanência no ambiente escolar, seu presente e futuro estarão, provavelmente, comprometidos.

No cotidiano da vida, muitas são as oportunidades de aprender e de ensinar que surgem: ora se está no papel de “professor”, ora de “estudante”. Essa dualidade é, no entanto, salutar e, às vezes, ocorre concomitantemente.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996, p. 39).

Quando o foco é a aprendizagem, encontraremos pesquisadores, das mais diferentes nacionalidades, que dedicaram ou dedicam anos e anos de estudos, pesquisas e práticas visando compreender como se efetiva o processo de ensino e de aprendizagem: Piaget, Vygotsky, Freire, Ausubel, Gardner, Goleman, Giroux, Soares, Rojo, Kleiman, Bortoni-Ricardo, dentre outros, são profissionais que contribuíram ou ainda contribuem para que a prática da sala de aula seja sempre enriquecedora para seus participantes. As pesquisas mais antigas servem de base teórica para as mais recentes, referendadas pelas práticas em sala de aula.

Um dos processos mais ricos da pesquisa é o desenvolvimento de categorias que permitam conceituar as questões e processos que aparecem em seu curso, os quais não podem ser conceituados nos marcos rígidos e *a priori* de nenhuma hipótese ou teoria geral. No entanto, esse é um processo diante do qual a maioria dos pesquisadores se sente inibida, pois reserva inconscientemente o lugar de produtores de teoria só para alguns. Nisso ocorre o mesmo que em qualquer atividade humana: todos podem realizá-la, só que alguns chegaram a níveis que os farão se destacar sobre os outros. O mesmo acontece com o desenvolvimento da teoria, existirão teorias que marcarão épocas e disciplinas; no entanto, muitas outras, sem chegar a esses níveis, podem ser aportes substantivos ao conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 119).

A escola tem sido, ao longo dos séculos, capaz de formar bons leitores (de livros e do mundo)? Ao que parece, tem falhado nessa importantíssima tarefa, o que contribui para um grande abismo entre o que se ensina na escola e o que vivenciamos na sociedade.

Os professores, no esforço de levar seus alunos a aprender, o fazem de maneira a dar importância ao conteúdo em si e não à sua interligação com a situação da qual emerge, gerando a já clássica dissociação entre teoria e prática: “O que se aprende na escola não tem nada a ver com a realidade”, é o entendimento comum de pessoas que, saindo dos bancos escolares, assumem uma responsabilidade profissional (LÜCK, 1994, p.21).

3.1 Alfabetização e Letramento

Ensinar a ler e a escrever é a forma mais coloquial de se definir alfabetizar. Ser alfabetizado é o mesmo que ser letrado? Segundo Soares (2004), os conceitos de alfabetização e de letramento definem-se como:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (SOARES, 2004, p. 91).

Todo estudante letrado é, necessariamente, alfabetizado, mas nem todo estudante alfabetizado é letrado. Apesar de serem conceitos relacionados, alfabetização e letramento abrangem aspectos diferenciados, interdependentes e indissociáveis.

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos (BRASIL, 1998, p.70).

Se o estudante, ao concluir a Educação Básica, não domina nem a leitura, nem a escrita pode-se afirmar que ele não foi alfabetizado? Não! Ele reconhece os signos e consegue decodificá-los, entretanto, isso não é suficiente para que leia com proficiência nem escreva usando adequadamente a língua padrão.

Se a alfabetização já não é, por si só, suficiente para preparar a criança, o jovem ou o adulto para interagir com o mundo letrado, com as competências e as habilidades necessárias, há que se buscar um novo fazer, ou apenas uma ampliação, um aprofundamento de uma prática já existente. Nesse cenário, surgiu o letramento.

O trabalho do professor, com agente de letramento, vai muito além do ensinar a decifrar códigos, a ler textos previamente escolhidos, com temáticas selecionadas:

A autonomia do professor não está em jogo quando ele se vê a si mesmo como um agente da coletividade. O princípio da autonomia, que se concretiza na ação coletiva, vai além da escolha dos eventos a serem criados e dos textos, gêneros e estratégias a serem mobilizados para seu encenamento (KLEIMAN, 2006, p. 80).

A observação das práticas pedagógicas oportuniza aos pesquisadores vislumbrar novas possibilidades.

(...) nos lembra do poder da narrativa para mudar identidades, como o poder que, ao nosso ver, teriam as representações sociais, particularmente a de agente de letramento. Na sua função identitária, elas têm o poder de mudar as ideias do indivíduo sobre si mesmo e sobre o que ele pode fazer em relação ao outro. E podem sinalizar, para a universidade, as transformações necessárias para formar professores que façam uma diferença se o que se exige dele é que forme alunos que façam uma diferença no mundo dominado pela escrita (KLEIMAN, 2006, p. 85).

3.2 Os Multiletramentos na Escola

A escola do mundo globalizado, das Tecnologias da Informação e Conhecimento, precisa se ajustar às novas demandas, uma vez que sua clientela,

seus estudantes são nativos da era digital e, como tal, dominam muito mais que seus professores as técnicas e seus suportes. Aprender para eles é mais amplo, tanto no aspecto onde e como, quanto no que focar sua atenção. Aos professores cabe, desse modo, a tarefa de se conscientizar de que o ensinar e o aprender têm novas e irreversíveis maneiras de se concretizar, razão por que é essencial a formação continuada, o pesquisar, o avaliar e reavaliar suas práticas em sala de aula.

A necessidade de uma *pedagogia dos multiletramentos* foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres, um grupo de pesquisadores dos letramentos, dentre eles, Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantziz, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan e Carmen Luke, Sara Michaels e Martin Nakata que, reunidos em Nova Londres, em Connecticut (EUA), após uma semana e discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”) (ROJO, 2012, pp.11-12).

Desde então, muitas pesquisas têm sido realizadas e o manifesto que o grupo publicou, à época, se confirmou necessário. Eles afirmavam:

(...) a necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte – mas não somente – devido às Tecnologias da Informação e Conhecimento, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade (ROJO, 2012, p. 12).

Há uma diferença não só na escrita, mas também no significado entre os conceitos de letramentos múltiplos e de multiletramentos. Segundo Rojo (2012), letramentos múltiplos indicam apenas a multiplicidade e a variedade de práticas letradas na sociedade em geral. Já multiletramentos:

(...) aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Essa variedade de tipos textuais, de suportes e de veículos tem sido chamada de multimodalidade ou de multissemiose, por isso, multiletramentos. Nesse novo cenário de estratégias pedagógicas surgem os hipertextos e as hiper mídias.

A escola é espaço privilegiado de práticas pedagógicas que deveriam ser, em sua maioria, motivadoras para estudantes e professores. Pensar o estudante percorrendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e o Ensino Médio é visualizar sua trajetória e ter a certeza de que se os princípios estabelecidos para a educação forem efetivados na prática, ao concluir a Educação Básica, o estudante deveria ser letrado em diferentes áreas do conhecimento.

Nesta etapa (anos finais do Ensino Fundamental) há a inserção de novos componentes curriculares, a cargo de diversos professores, o que requer sejam compartilhados os compromissos com o processo de letramento em suas dimensões artísticas, científicas, humanísticas, literárias e matemáticas. Por isso, demanda-se uma articulação interdisciplinar consistente, considerando a convergência entre temáticas pertinentes às diferentes áreas do conhecimento (BRASIL, 2015, p. 09).

3.3 O que muda com os Multiletramentos

Todas as formas de se relacionar no mundo moderno mudaram com a tecnologia e a globalização. A escola não poderia, mesmo que quem lá está assim o desejasse, ficar indiferente ao novo cenário social.

Entretanto, parece nítido o descompasso imenso, cada vez maior, entre pedagogia e tecnologias em educação: enquanto esta ocorre à velocidade da luz, a outra move-se a passos de cágado. O resultado é imediato: como a tecnologia não espera, nem saberia esperar, vai ocupando o espaço à revelia do educador (DEMO, 2006, p. 11).

O ambiente virtual mudou a realidade concreta e isso desestabilizou as relações. Na escola, os multiletramentos chegam com as seguintes características:

(a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das

ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p. 23).

O professor necessita se reinventar todos os dias, sob pena de não mais sobreviver nessa profissão, de ser tachado de retrógado e desatualizado. Demo (2006) assegura que a atual sala de aula parece ter seus dias contados, bem como a atual grade curricular. Se o professor não se formar para a mudança, seu agir em sala de aula será comprometido.

(...) todo educador, para ser mais efetivo em sua missão de desenvolver plenamente o educando, deve refletir diariamente sobre suas práticas docentes. Mais do que isso, deve ser capaz de ir além e pesquisar novos métodos, sistematizar seus avanços, repensar seu papel e imaginar causas e consequências para uma experiência de aprendizado mais completa (CAMPOS, 2015, p. 05).

O estudante deste início de século, da educação infantil ao ensino superior, tem ao seu dispor inúmeras fontes de informações, cabendo a ele escolher por qual caminho seguir e como agir para transformá-las, adequadamente, em conhecimento. Nesse cenário, o papel, a função do professor não é mais o de o único detentor do saber, o único a quem o estudante deveria recorrer quando desejasse saber algo. O professor tem, a partir da globalização das informações, a importante tarefa de ser mediador, de ser facilitador e não mais o dono da verdade.

Para romper com o conservadorismo, o professor deve levar em consideração que, além da linguagem oral e da linguagem escrita que acompanham historicamente o processo pedagógico de ensinar e aprender, é necessário considerar também a linguagem digital. Nesse processo de incorporação, ele precisa propor novas formas de aprender e de saber se apropriar criticamente de novas tecnologias, buscando recursos e meios para facilitar a aprendizagem (MORAN, 2000, p. 75).

É na escola que encontraremos e ofereceremos à criança, ao jovem e ao adulto a chance de ser quem ele tem capacidade inata para ser de fato ou para se tornar. Segundo Bessa (2015) “cada ser humano nasce com um potencial e tem direito a desenvolvê-lo. Mas, para isso acontecer, ele precisa de oportunidades. E as melhores oportunidades são as educativas, que preparam as pessoas para fazerem escolhas.”.

A inteligência emocional alicerça os processos interativos de comunicação, colaboração e criatividade indispensáveis ao novo profissional esperado para atuar na sociedade do conhecimento. A formação inovadora exigida para atuação em todas as áreas do conhecimento demanda trabalho coletivo, discussão em grupo, espírito de ajuda mútua, cooperação, contribuição e parcerias. (...) uma prática pedagógica que propicie a conquista dessa nova proposição a partir da sala de aula. (MORAN, 2000, p. 76).

3.4 O Professor, o Estudante, a Leitura e a Escrita

No desenvolvimento do seu trabalho, o professor competente é um profissional seguro, que sabe ouvir, além de falar com propriedade e adequação ao público ouvinte, e respeitar o estudante como ser pensante. Por essa razão, nos Parâmetros Curriculares Nacionais encontramos (Brasil, 1998, p.72): “O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás”

Ao se atribuir ao professor de língua portuguesa a exclusividade, a responsabilidade e a tarefa ímpar de ensinar e trabalhar a leitura e a escrita, comete-se um equívoco, pois, como se afirma nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998, p.72) “todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura”.

Afirma Bazzoni (2009) que o desenvolvimento da competência leitora e escritora é imprescindível para a aprendizagem dos conteúdos de Arte, Ciências, Educação Física, Geografia, História, Língua Estrangeira, Língua Portuguesa e Matemática. Essa informação não é nova, todos os que lidam com a educação deveriam saber que (BAZZONI, 2009, p 66) “Essa constatação deveria ser suficiente para que coordenadores e professores passassem a encarar a leitura e a escrita como o foco do trabalho”.

A produção de textos é uma forma de reorganização do pensamento e do universo interior da pessoa. A escrita não é apenas uma oportunidade para que a pessoa mostre, comunique o que sabe, mas

também para que descubra o que é, o que pensa, o que quer, em que acredita (GARCEZ, 2012, p. 9).

Todo trabalho pedagógico sério deve partir de ações simples, mas voltadas para a leitura e a escrita. Segundo Cereja (2009), a competência leitora não é uma simples competência. É, na verdade, uma arquicompetência, já que perpassa o conjunto das operações cognitivas em todas as áreas.

As habilidades de leitura, que se expressam por esquemas de ação – dos mais simples aos mais complexos, como observar, identificar, analisar, inferir, interpretar, concluir etc. -, requerem objetos de estudo específicos. Daí a importância de se trabalhar com diversidade de textos, gêneros, suportes e linguagens numa perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar (CEREJA, 2009, p. 67).

Solé (2009) afirma que a leitura não é só um meio para adquirir informação: ela também nos torna mais críticos e capazes de considerar diferentes perspectivas.

Se é na escola que o estudante deve aprender a ler e a escrever, por que é também na escola que ele se apavora ao ser chamado a produzir um texto? Talvez seu pavor seja oriundo das ineficazes estratégias a que foi submetido ao longo de sua vida escolar ou mesmo da falta de hábito, tanto de ler quanto de escrever. Sem leituras que possam servir de arcabouço para as ideias a serem desenvolvidas no texto, é mais difícil fazê-lo a contento, contudo, estudante e professor devem refletir:

Redigir é dizer a outrem o que se pensa. Ao conversar, está-se como que redigindo oralmente; ao escrever uma carta, de qualquer natureza, está-se redigindo; ao resolver um problema de matemática, de física, de biologia, está-se redigindo; ao escrever uma história, uma descrição de cena ou de objeto e ao defender um ponto de vista, está-se redigindo. Convém observar, todavia, que cada uma das situações enumeradas anteriormente exige uma forma de texto e, assim, cada texto terá a silhueta devida (FAULSTICH, 2000, p. 10).

Ao brincar em casa de “escolinha”, a criança demonstra, desde cedo, vontade de escrever, mesmo que garatujas, de contar histórias, de desenhar, de adentrar ao mundo das letras e saber reproduzi-lo.

Quando o professor procura facilitar o processo de escrita para crianças, ele tira vantagem do desejo natural de aprender coisas novas que elas têm. Desde cedo, as crianças (inclusive as não alfabetizadas) muito se comprazem em “escrever” (PASSARELLI, 2012, p. 148).

O que acontece na escola que as crianças, os jovens e até os adultos sentem, em algum momento, aversão ao ambiente escolar? Segundo Passarelli (2012), muitas vezes, a própria escola inibe esse desejo (de escrever) ao se revestir com um manto de seriedade, considerando-o absolutamente necessário para poder ensinar.

O lúdico faz parte do aprendizado, o torna leve, agradável e, primordialmente, sério. Quem inventou que o sério não pode ter alegria foi alguém infeliz e alguns, equivocadamente, levam esta nefasta informação para a sala de aula.

Ao integrar a dimensão lúdica ao ensino de produção textual, o principal aspecto é a possibilidade de (re)estabelecer um espaço de convívio agradável, verdadeiramente interativo, em que os agentes da sala de aula se mostrem em sua personalidade, como quem sente, brinca, chora, ri, imagina, inventa, mas também trabalha (PASSARELLI, 2012, p. 177).

A escola, o ambiente escolar, a sala de aula, seus sujeitos e agentes são os responsáveis pela disseminação do gosto pela leitura, pelo convívio saudável, pela escrita criativa, por isso, todos os que neles ensinam e aprendem devem se lembrar de que:

(...) a sala de aula é uma metáfora de ação pedagógica, é nesse espaço de interação verbal que se estabelece a relação dialógica entre sujeitos portadores de diferentes saberes. “São os saberes do vivido que trazidos por ambos – alunos e professores – se confrontam com outros saberes, historicamente sistematizados e denominados ‘conhecimentos’ que dialogam em sala de aula” (PASSARELLI, 2012, pp. 287-288).

Permitir a entrada da literatura na escola é primordial ao ensino, ao imaginário tanto do professor quando do estudante, à ampliação do repertório de leitura de todos:

Seja em função do direito à literatura, propagado por Cândido (1995), em função do seu caráter formativo, do seu potencial humanizador, pela possibilidade de conhecimento e de autoconhecimento que propicia (e de identificação e de alteridade) ou, ainda, por permitir a expressão, a apropriação e discussão de diferentes imaginários, valores, visões de mundo, comportamentos, impasses e utopias, a literatura reclama seu espaço na escola (BARBOSA, 2012, p.47).

A escola que insiste em não trabalhar com as questões relacionadas à leitura está fadada ao fracasso, pois uma equipe docente que valoriza o conhecimento, os saberes advindos dos livros e a expressão libertária no papel, compreendeu o que nos ensina Barbosa (2012): A leitura é uma prática social, refletida, sentida, fruída, que precisa ser internalizada e fazer sentido. É bem verdade que quanto mais experiências significativas pregressas o aluno tiver com a leitura, melhor.

3.5 A Escola, o Cidadão, a Aprendizagem e o Ensino

A escola é um dos primeiros compromissos sociais da criança, quando ela, hoje cada vez com menos idade, sai do aconchego familiar para se inserir oficialmente no ambiente social. Este ambiente que receberá a criança, o jovem e o adulto para capacitá-los para bem viver, bem conviver e bem fazer deveria ter, antes de tudo, qualidade. Simões (2012) pergunta: Se é um direito de todo cidadão ter acesso à educação de qualidade, como garantir isso para todos? O que é educação de qualidade considerando tantos contextos diferentes?

Ter direito à educação é garantido por lei em nossa nação, mas educação não se faz por leis, por decretos, educação se faz com pessoas, com professores, estudantes, pais e outros diferentes profissionais. A comunidade escolar é fundamental para que as orientações previstas nas leis sejam cumpridas em sua integralidade, uma vez que esse conhecimento é essencial para que a escola forme o cidadão. Mais uma vez Simões (2012) nos faz refletir: O que significa hoje ser um cidadão? (...) Como fazer para que a educação escolar seja relevante e possa contribuir na busca diária pela cidadania?

Será considerado cidadão a pessoa que tiver seus direitos civis e políticos garantidos, desde que cumpra seus deveres. Trabalhar esses conceitos com as crianças, jovens e adultos é também uma das atribuições da escola. Simões (2012) ressalta: Educar é permitir que a aprendizagem sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro aconteça para que possamos agir de maneira situada, diversificada, criativa, crítica e atuante no nosso dia a dia.

Qualquer proposta pedagógica que não se paute pelo trabalho com a leitura, com a escrita e com a resolução de situações-problema deve ser analisada com bastante cautela. Os multiletramentos que circundam o ensinar e o aprender sinalizam para o novo perfil exigido, tanto para estudantes quanto para professores. Aliás, as relações humanas, sociais e profissionais sofreram o impacto direto com o advento das Tecnologias da Informação e Conhecimento. A escola, por onde a mudança de paradigmas deveria começar, ainda é resistente, por medo de perder espaço ou por falta de competência, já que a formação continuada não é uma regra entre a categoria, que se depara com questionamentos como faz Simões (2012): Se o mundo em que vivemos tem múltiplas fontes de informação que divertem e até educam, qual é a função da escola?

Na Educação Básica, a escola dispõe de 12 (doze) anos para trabalhar o estudante em toda a sua formação. Para tanto, a comunidade escolar deve se empenhar e dispor de condições para:

(...) o desenvolvimento de múltiplas linguagens como recursos próprios; o uso criativo e crítico dos recursos de informação e comunicação; a vivência da cultura como realização prazerosa; a percepção e o encantamento com as ciências como permanente convite à dúvida; a compreensão da democracia, da justiça e da equidade como resultados de contínuo envolvimento e participação (BRASIL, 2015, p.09).

3.6 Ler se aprende e se ensina

A criança, quando chega à escola, mesmo que ainda não alfabetizada, tem um conhecimento próprio, oriundo de sua vida, das pessoas e do ambiente que a

cerca. O contato com a leitura e com a escrita já foi realizado: leem-se rótulos, marcas, logotipos; escrevem-se garatujas e contam-se histórias, embora pequenas, trazem um apelo emocional grande.

Segundo Garcez (1996), a leitura de textos literários é muito importante na formação de uma pessoa, porque a arte oferece interpretações do mundo que estimulam a reflexão e o conhecimento:

Além de proporcionar experiência emocional e estética, o convívio com a literatura, tanto ouvindo histórias como lendo, constitui um exercício privilegiado de habilidades mentais e de familiaridade com as estruturas e as possibilidades da língua escrita (GARCEZ, 1996, pp 36-37).

Os pais são, naturalmente, os primeiros professores de seus filhos, seguidos pela família e pelas pessoas do convívio das crianças. A forma como veem o mundo, como agem e reagem, a importância que dão à educação, à escola, à leitura e à escrita, tudo isso chega impregnado na criança e no jovem quando eles adentram a escola. Segundo Garcez (1996) a leitura frequente de textos literários é muito importante na formação de uma pessoa, porque a obra de arte oferece interpretações do mundo que estimulam a reflexão e o conhecimento.

Se o professor não tiver a sensibilidade para perceber o que move aquele estudante, qual é sua história até àquele momento, qual seu repertório de saberes, como ele se relaciona com os livros, com a leitura e com a escrita poderá deixar passar a maior oportunidade que a escola lhe oferece: o estudante todos os dias à sua disposição.

O professor trabalha com a leitura e com a escrita, e, mesmo que não seja da forma ideal, não se pode negar que o trabalho existe.

3.7 A Formação Continuada do Professor

O professor, independente da disciplina que leciona ou do nível em que atua, deve ser um contínuo pesquisador, pois a “matéria-prima” do seu trabalho é o

homem, em formação, e hoje fruto de uma sociedade globalizada e tecnologicamente avançada. Bettega (2010) afirma: “A formação continuada do professor é fundamental, pois visa corrigir distorções de sua formação inicial, e também contribui para uma reflexão acerca de mudanças educacionais que estejam ocorrendo.”.

Considerando que o ato de pesquisar educa e que uma escola só consegue responder às novas demandas educacionais se refletir profundamente sobre suas práticas educativas e seus ideais de formação, entendemos que a pesquisa docente é um dos caminhos centrais para se criar e desenvolver metodologias para um novo cenário educativo. A pesquisa contribui com a formação de um corpo docente que pretende ir além da educação instrumental e da simples transmissão e conhecimentos. Além de ser vital para a construção de uma “nova escola”, a promoção da reflexão pedagógica se apresenta como estratégia de formação continuada do educador a favor da ampliação das suas competências (PEDROSA, 2015, p. 21).

Segundo Barrueco (2010), todo saber fazer é uma competência para atingir os fins propostos, pois é no fazer que se revela o domínio de saberes. Ao longo de sua vida, tanto pessoal quanto profissional, o ser humano está envolto num processo contínuo de transformação, e o professor, agente do ensinar e do aprender, deve ser o primeiro a se reinventar constantemente, na busca infinda de alcançar o estudante e ver concretizados seus objetivos. Demo (2006) diz que a formação melhor do professor tende a influir positivamente o desempenho do aluno, ainda que isto não seja efeito linear, nem automático. O professor com formação adequada e contínua compreendeu o que disse Freire (1996): “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*.”.

O olhar do professor para a escola e para seus estudantes define seu conceito sobre ensinar e aprender. Bettega (2010) assegura que o aprender contínuo é de responsabilidade também do professor, que deve ver a escola não somente como o lugar onde ensina, mas também onde aprende.

Se o professor for um profissional reflexivo, perceberá que é necessário manter-se em constante estudo, isto é, ser um professor-pesquisador. A relação que

o hoje professor teve com a escola, como estudante, aparecerá em sua prática em sala de aula, mesmo que inconscientemente. Se essa relação não foi positiva ou se não se adéqua mais aos estudantes contemporâneos, somente o estudo, a reflexão, a análise, a pesquisa e a observação farão com que esse profissional encontre as soluções para os desafios vividos no ambiente escolar.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p.29).

O ato de ler e de escrever requer de seus sujeitos um vasto conjunto de habilidades, indo muito além da decifração dos signos linguísticos:

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH, 2012; p. 11).

O professor que atua nas escolas públicas, especialmente aquelas das periferias, e que atende ao filho do trabalhador, normalmente pessoas menos favorecidas economicamente, deve ter em mente o que a escola representa para aquela comunidade:

[...], a educação articulada com as demais políticas públicas pode contribuir para uma melhor situação social e econômica da população, sendo, portanto, indispensável que se ofereça aos alunos, principalmente das camadas populares, vítimas sistemáticas de exclusão, uma educação que os auxilie a entender o papel que devem desempenhar na mudança da realidade em que vivem e no processo de desenvolvimento nacional, bem como que os capacite a bem desempenhar esse papel (BETTEGA, 2010; p. 51).

4. METODOLOGIA E PESQUISA

4.1 Fundamentação Metodológica

O ambiente de pesquisa será o contexto educacional e, segundo André (2005), a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico é uma das mais adequadas ao cotidiano escolar.

As técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas e de um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, torna possível reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. André (2005) diz que “Esse tipo de pesquisa permite documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, (...) no cotidiano do seu fazer pedagógico.”.

Escolher um tema, pensar sobre ele, pesquisar teóricos, vivenciar a experiência, observar os sujeitos da pesquisa em ação são situações sobre as quais nem sempre temos total controle e isso é, para a própria pesquisa, benéfico. González Rey (2011) assegura que: “Na minha opinião, a pesquisa representa um processo constante de produção de ideias que organiza o pesquisador no cenário complexo de seu diálogo com o momento empírico.”.

Em primeiro lugar, a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana, que se realiza através de sujeitos individuais, nos quais sua experiência se concretiza na forma individualizada de sua produção. (...) a representação da ciência como atividade supraindividual, que supõe a não participação o pesquisador e o controle de sua subjetividade, ignora o caráter interativo e subjetivo do nosso objeto, o qual é condição de sua expressão comprometida na pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 28)

Nessa pesquisa são dispensadas hipóteses, como tradicionalmente ocorrem em outras formas de se pesquisar.

A pesquisa qualitativa não exige a definição de hipóteses formais, pois não se destina a provar nem a verificar, mas a construir, e não requer a explicação do que vai ser provado, pois frequentemente isso não se conhece no começo. (...), não quisemos dizer que em seu curso não se verifiquem e provem determinadas coisas, mas que esses objetivos aparecem como momentos do processo de pesquisa, e não representam momentos analíticos estabelecidos como o fim da pesquisa (GONZALEZ REY, 2011, pp. 73-74).

Construir instrumentos para coleta de dados, na pesquisa qualitativa, é ter a ideia do problema pesquisado e, no desenvolvimento das observações, buscar a fala o pesquisado. Trabalhei com um questionário direto, aplicado a 35 professores e estudantes, e depois realizei uma entrevista com quatro representantes de cada segmento em estudo, garantindo a representatividade, em ambos, em todos os anos (6º ao 9º).

O instrumento é uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza do estudado independentemente do pesquisador. (...) é suscetível de multiplicidade de usos dentro do processo investigativo, que não se limitam às primeiras expressões do sujeito diante dele. (...) Assim, o processo de aplicação dos instrumentos é interativo e envolve o sujeito na pesquisa (GONZALEZ REY, 2011, pp. 80-81).

4.2 Contexto Específico

A escola da pesquisa foi inaugurada em 08/11/1978. Era, inicialmente, uma Escola Classe. Depois, com o crescimento da cidade e o aumento das demandas, passou a atender ao Ensino Fundamental, à Educação de Jovens e Adultos, chegando a ter Ensino Médio. Atualmente, ela atende ao Ensino Fundamental II – 6º ao 9º anos.

Apesar de ter quase 37 anos de ininterrupto trabalho pedagógico oferecido à Comunidade Escolar, suas práticas em relação à sistematização da leitura e da escrita não atendem ao que preconizam as Orientações Curriculares da SEEDF, em vigência.

No Encontro Pedagógico no início do ano letivo de 2015, os professores e as professoras foram convidados a refletir sobre o papel da leitura e da escrita autoral no ensino e na aprendizagem dos estudantes. Para isso, eles participaram de uma

Oficina, onde se depararam, ao entrar, com os mais diferentes títulos, entre livros, revistas, jornais e periódicos espalhados por toda a sala; alguns estavam pendurados no varal.

Eles foram orientados a se movimentarem pela sala, observando os materiais expostos. Depois, cada um pegou uma ou mais obras que lhe interessava(m) e tiveram um tempo considerado para a leitura, tendo ao fundo o som de músicas instrumentais. Decorrido o tempo estabelecido, os professores e as professoras foram convidados a se pronunciarem sobre a experiência vivida. Houve unanimidade com relação à surpresa (como foram recebidos naquele dia) e à forma diferenciada de apresentar a leitura. O planejamento do dia vai ao encontro do que nos ensinou Freire (1996): “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.”.

Eles assistiram, em seguida, ao vídeo “*Ler deveria ser proibido*”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iRDoRN8wJ_w> e, após, houve a leitura compartilhada do texto “*Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo*”, disponível na Revista Nova Escola, agosto/2014, páginas 16 e 17.

Concluída essas atividades, foi apresentada ao grupo de professores a proposta do projeto interdisciplinar “*Ler & Escrever: Ação de todos! Trabalhando o estudante, formando o professor*”, para desenvolvimento em 2015, em todas as turmas e anos.

A proposta mexeu com todos, pois cada um começou a pensar em como isso iria impactar o seu trabalho, em como sua disciplina poderia participar, como o estudante reagiria, como os pais poderiam colaborar, quais os resultados que seriam observados, quais as estratégias que seriam mais adequadas para o fomento do gosto pela leitura, dentre outros.

A interdisciplinaridade é uma dessas ideias-força que, embora não seja recente, agora se manifesta a partir de enriquecimento conceitual e da consciência cada vez mais clara da fragmentação criada e enfrentada pelo homem em geral e, pelos educadores, em especial, em seu dia-a-dia (LÜCK, 1994, p.13).

Uma das ações do projeto interdisciplinar que impactou e alterou a rotina dos professores foi a mudança em uma das avaliações. A escola habitualmente realizava uma avaliação chamada multidisciplinar. A prova era realizada no 1º e 3º bimestres, pois, segundo informaram os coordenadores, os professores reclamavam que no 2º bimestre tinham muitas tarefas, entre elas a gincana para arrecadação de materiais para a festa junina e, no 4º bimestre, o tempo era pouco. O quantitativo de questões era igual para todos os anos e todos os professores tinham que elaborar questões para a avaliação.

A nova proposta apresentada trazia alterações como: haverá as 04 avaliações no ano, uma em cada bimestre; o número de questões será diferenciado – 8º e 9ºs = 50; 6º e 7º = 30; as questões serão de julgar C ou E e de múltipla escolha (até a letra D); gradativamente as questões de C ou E serão substituídas por questões de múltipla escolha, de forma que no 4º bimestre todas as questões sejam de múltipla escolha.

A elaboração das questões da avaliação será dividida entre as diferentes disciplinas, de maneira tal que cada área só elaborará as questões uma única vez – 1º bimestre: Ciências Naturais e Geografia; 2º, Língua Portuguesa e Língua Inglesa; 3º, Matemática e Arte; 4º, História e Educação Física.

Realizar esse tipo de avaliação foi novidade tanto para o professor quanto para o estudante. Uma prova com questões basicamente de interpretação, de raciocínio lógico-linguístico foi uma novidade positiva, já que trabalhou nos sujeitos do processo a atenção, o ler e reler, a indução e a dedução, e, por fim, a percepção de que a leitura compreensiva habilita o leitor, tornando-o mais capaz.

Em meados do 2º bimestre, fizemos uma coordenação por área, com os professores de Língua Portuguesa, para refletirmos sobre o assunto: produção autoral de texto e correção com orientações para reescrita.

Indagados sobre as estratégias utilizadas para oportunizar aos estudantes a produção autoral de textos e sua devolutiva com as necessárias intervenções, foi constrangedor observar que não havia uma sistematização dessa prática, apesar de

se tratar de professores de língua portuguesa e de ser esse um dos eixos propostos nos documentos norteadores das práticas pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Para que o estudante pudesse ter esse momento oficialmente, como Supervisora Pedagógica apresentei ao grupo a elaboração de propostas para produção autoral de texto, adequadas ao ano escolar, o formulário para a escrita final do texto e os critérios para correção. Analisados os materiais, feitas as alterações sugeridas, definimos uma data e horários em que todos os estudantes e seus respectivos professores estariam envolvidos no desenvolvimento das produções de texto.

A aceitação da proposta pelos professores não foi algo de fácil acordo. Eles reclamaram bastante, alegando ser uma quantidade grande de produções de texto para corrigir. Os professores das demais disciplinas foram consultados sobre a necessidade de se realizar essa experiência – a escola toda, ao mesmo tempo, produzindo textos – e sobre o papel de cada um deles, independente do componente curricular de atuação, no preparo dos estudantes para esse grande dia. As produções de textos seriam valoradas e todos poderiam incluir esse resultado na composição da nota bimestral.

Sem dúvidas, foi uma experiência ímpar que, nos bimestres seguintes, não pôde ser repetida, já que os professores de língua portuguesa alegaram ter muitas outras coisas para fazer e que corrigir redação “não dava”.

Os temas propostos eram todos voltados para a importância da leitura (Anexo C e demais) e os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar um momento ímpar na escola: todos concentrados lendo e escrevendo.

Outra ação do projeto era a aquisição de livros paradidáticos. Na primeira reunião de pais, no início do ano letivo, informamos à Comunidade Escolar presente quais seriam os projetos pedagógicos a serem desenvolvidos em 2015. Com relação ao projeto interdisciplinar Ler & Escrever: Ação de todos!, buscamos sensibilizar os pais ou responsáveis para a importância do tema, para sua relevância.

A ação do projeto que mais consumiu nosso tempo e energia foi exatamente essa: conseguir a parceria dos pais ou responsáveis para a compra dos livros. Antes de enviarmos para eles a lista com os títulos a serem adquiridos, tivemos um trabalho hercúleo com os próprios professores. Eles foram orientados a, de posse dos catálogos e de alguns exemplares cedidos pelas editoras, escolherem dois títulos diferentes para trabalharem com a turma da qual eram conselheiros. Mas a escolha do livro não poderia ser aleatória, ela deveria estar embasada na adequação à idade do leitor, ser um livro que dialogasse com as questões que envolvem a faixa etária dos alunos, que abordasse temáticas atuais e que pudesse fomentar, a partir de sua leitura, reflexões salutares. Por comprovada falta de prática nessa escolha, os professores procrastinaram o quanto puderam, mas enfim realizaram a tarefa.

Depois de todo o processo para a aquisição dos exemplares, organizamos caixas com os livros. Cada turma recebeu uma caixa com títulos diferenciados. Tudo pronto, apresentamos aos professores, alunos e pais. Cada professor pôde então iniciar seu trabalho com os livros, conforme planejamento individual.

4.3 Participantes

O Centro de Ensino Fundamental, escola de aplicação desta pesquisa, tem um total de 80 profissionais, entre professores, monitores, servidores da Carreira Assistência, porteiros, auxiliares de limpeza e vigilantes.

Em final de maio, após três meses de observação do trabalho intensivo do professor com leituras diversificadas e exercícios para produção de textos, foram elaborados dois questionários para a coleta de dados: um para os professores (Anexo A) e o outro para os estudantes (Anexo B).

Em junho, em uma coordenação coletiva, a carta-apresentação foi entregue aos professores. Ao lê-la, eles tiveram ciência de que responderiam a um questionário, sem a necessidade de se identificar, e suas respostas deveriam ser o mais verdadeiro possível. Participaram da pesquisa 35 professores, entre regentes

de turma, coordenadores pedagógicos, professores da sala de leitura e gestores. O questionário era composto por 15 perguntas, sendo 12 objetivas e três subjetivas.

Após a devolução do questionário, os professores foram orientados sobre a necessidade de se fazer uma pesquisa semelhante com os estudantes, sendo esta agendada para o dia seguinte, observando-se: a mesma quantidade de participantes (35) e a representatividade todos os anos (6º ao 9º). O questionário dos estudantes tinha 14 perguntas, sendo uma subjetiva. As respostas dos estudantes foram utilizadas para interpretar o processo a partir da visão de quem o vivencia na prática.

O objetivo de se trabalhar com os questionários era dar a liberdade de expressão aos sujeitos do processo, já que, ao não ter que se identificarem, não temeriam ter associados a eles essa ou aquela resposta.

Em outro momento, após a análise das respostas aos questionários, quatro professores e quatro estudantes, representando seu segmento em cada ano escolar, foram entrevistados por mim. Eles serão aqui assim identificados: P6 (para professor do 6º ano) e E6 (para estudante do 6º ano), e, seguindo a mesma lógica, P7 – E7, P8 – E8, P9 – E9. As entrevistas aconteceram em momentos distintos, ou seja, entrevistei cada voluntário separadamente, para que a resposta de um não influenciasse o outro. Foi algo bem tranquilo, como um bate-papo, sem aquela obrigatoriedade de se responder a um número X de perguntas.

4.4 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados obtidos tanto com os questionários quanto com as entrevistas foram pautados a partir da premissa: como se dá a prática pedagógica do professor na perspectiva da formação do estudante-leitor e do estudante-escriptor nos anos finais do Ensino Fundamental.

4.4.1 Como pensam os Professores

A 1ª pergunta conduzia diretamente o pesquisado ao cerne da questão: **Você gosta de ler?**

Obviamente que, sendo a pergunta feita a professores, cuja “matéria-prima” do trabalho é o conhecimento, a informação, a resposta esperada era Sim, em sua totalidade. Entretanto, apesar de nenhum deles afirmar não gostar de ler, somente 29 professores responderam positivamente. A análise desses dados produz elementos que poderiam gerar novos estudos, a partir das perguntas: Como lida com o conhecimento o professor que não gosta de ler? A formação continuada é prejudicada quando o professor não lê? Se o trabalho que realiza depende da leitura e o professor não gosta de ler, a probabilidade de adoecer em serviço é maior? Esses questionamentos foram feitos aos professores nas entrevistas.

Nas entrevistas, obtive as seguintes respostas dos professores: P6 “O professor que não gosta de ler, não lê livros, mas lê o livro didático, já que sem ler, ele não tem como dar a aula.”. P7 “Com certeza, o professor que não lê, não estudará, não fará a tão necessária formação continuada. Ele comprará cursos para pular barreiras.”. P9 “Não sei dizer se é a razão do adoecimento do professor é o fato de ele não gostar de ler, mas é fato que a categoria está, em proporções diferenciadas, doente.”.

A 2ª pergunta remetia o pesquisado ao passado, especificamente, à sua infância: **Seus pais liam para você, quando era criança?**

Entre os hoje adultos, apenas três professores afirmaram que seus pais liam para eles quando eram crianças, ou seja, temos professores que não vivenciaram a experiência de ter sua imaginação aguçada pelo ouvir histórias infantis, de ter o contato com os livros desde tenra idade. O P8 disse: “Tenho 60 anos de idade, sou professor há mais de 35 anos. Se nos dias de hoje os pais, com tantas informações que têm, não leem para seus filhos, imagine na minha infância, com pais praticamente analfabetos e sem livros.”.

A 3ª pergunta procura analisar a postura do pesquisado em relação ao ato de ler para crianças, agora que ele é adulto: **Você, agora adulto, lê para filhos, sobrinhos, afilhados, ou seja, para crianças?**

Por saberem a importância e por terem consciência da falta que os momentos com os adultos e os livros fazem para a formação leitora da criança, 17 professores afirmaram que leem para filhos, sobrinhos, afilhados, ou seja, para crianças; 13 professores fazem isso às vezes; apenas cinco professores não realizam a ação de ler para os pequenos. O P6 respondeu: “Tenho filhas gêmeas ainda bem pequenas e só consigo acalmá-las para dormir quando leio para elas. O interessante é que elas querem ouvir sempre a mesma história. Eu até tento trocar, mas no final elas pedem para contar de novo *Cinderela*.”.

A 4ª pergunta é uma afirmação sobre a importância da leitura: **Você concorda que a leitura seja um diferencial na vida pessoal, profissional, social e familiar do ser humano?**

Um dos resultados mais expressivo foi a totalidade dos professores que concordam ser a leitura um diferencial: 35 professores. Essa unanimidade reforça e confirma o senso comum: ler é fundamental, é um exercício imprescindível para quem quer ter autonomia, conhecimento e independência intelectual. Na entrevista, os quatro professores disseram que ler é realmente um diferencial. Quando perguntei se ele/ela lia, o sorriso, o mexer a cabeça para os lados, e um “é, sim” foram as respostas.

Este trabalho parte, então da concepção de que todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler faz parte da aprendizagem, devendo, por isso, fazer parte de todas as atividades. No mundo em que estamos inseridos, que se encontra em constante transformação, é necessário um modelo dinâmico de aprendizagem, que possa ser capaz de contemplar não só o conhecimento, mas também a sua aplicação na vida real (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 52).

A 5ª pergunta é, num primeiro momento, contraditória, tendo em vista o local, os pesquisados e o objeto de pesquisa: **Qual o local ideal para ensinar ao estudante a paixão pelo livro?**

Se a pergunta é feita para professor e se os hoje adultos não foram estimulados em casa a ler, quando crianças, a resposta deveria ser óbvia, consensual, mas não foi, ou seja, algo está incoerente. Para 18 professores, o local mais adequado para despertar na criança, no jovem a paixão pela leitura é em casa. Para os outros 17 professores, na escola. Nenhum dos entrevistados respondeu ser o trabalho o local ideal para fomentar o encanto pelo livro, talvez por ter a consciência de que para se chegar ao trabalho, à formação profissional é inevitável passar pela leitura.

Individualmente, os professores tiveram posicionamentos semelhantes: P7 e P8 afirmaram ser na escola; P6 e P9, em casa. Observando a idade e a disciplina de atuação dos professores, notei que os mais velhos, que não vivenciaram em casa a prática da leitura, asseguram ser a escola o local ideal; já os mais novos, talvez por não terem tido boas experiências com a leitura na escola, afirmaram ser em casa.

Analisar as respostas desta pergunta, comparando-as com as demais, torna perceptível que o grupo de professores em estudo não tem bem definido o que é função da escola e o que é função da família. Se eles afirmam que os pais não leem para as crianças e, ao mesmo tempo, conhecem o valor da leitura na vida pessoal e estudantil da criança e do jovem, como delegar para a família essa função? Não deveria ser essa uma ação 100% prática da escola?

Considerando-se correta a afirmação de que é em casa que o estudante será motivado para aprender a gostar de ler, o que será dos estudantes que têm pais analfabetos, que não têm em casa livros, que não têm ao seu dispor nem jornal nem periódicos, nem gibis, nem nada que seja plausível de ser usado para desenvolver o prazer de ler?

Para esses estudantes, restará a escola como fonte inesgotável de saber e promotora da aprendizagem, incluindo o desenvolvimento do hábito de leitura. Se a escola não trazer para si essa responsabilidade, o estudante passará por ela e não aprenderá a ler? Essa é uma questão que merece ser retomada com a equipe da escola, já que é maior o número de professores que afirmam ser fora do ambiente escolar que o estudante aprenderá a gostar de ler.

Para os professores que reconhecem ser a escola a primeira responsável por esse trabalho, as perguntas seriam: Como ele está sendo desenvolvido? As estratégias utilizadas têm se mostrado eficazes? Os resultados são significativos? A aprendizagem dos estudantes melhorou? À leitura precede a reflexão? Os estudantes poderiam ser chamados de leitores proficientes?

P6 respondeu: “Essa é a primeira vez que trabalho em uma escola que tem um projeto que envolve todos os anos e, o mais importante, todas as turmas.”. P7: “O interesse dos alunos com relação à leitura está melhor. A maioria lê de boa, mas os que não gostam muito, já entenderam que não têm direito de atrapalhar e, até por falta de opção, acabarão lendo, já que não fazer nada, repetidamente, cansa.”. P9: “Proficiência é algo que ainda vai demorar para ser percebido, mas com certeza, sem esse projeto, mais difícil seria de ser alcançada.”.

A 6ª pergunta põe em xeque a prática do pesquisado: **Em sua disciplina, você trabalha com leitura?**

Confirmando a opinião do grupo de ser a leitura importante, 24 professores afirmaram trabalhar com a leitura no desenvolvimento das atividades em sua disciplina; somando esse total ao que às vezes utiliza a leitura em suas ações, 09 professores, temos quase a totalidade dos professores trabalhando com a leitura. Se

a realização desse trabalho é verdadeiramente eficiente, os resultados deveriam representar esses dados. Porém, se é fato que todos os professores e professoras, inclusive os de língua estrangeira, utilizam a leitura no seu cotidiano, por que os estudantes ainda têm dificuldades para interpretar, para compreender textos, para resolver problemas simples a partir do que o comando orienta? Poder-se-ia afirmar que algo está equivocado no processo, no diálogo entre professor e estudante ou na prática efetivamente.

A proposta de leitura tutorial baseia-se no fato de que a leitura é uma atividade interdisciplinar, uma vez que é por meio dela que se tem acesso aos conhecimentos de todas as áreas do saber. Sendo assim, para obter sucesso na aprendizagem de quaisquer conteúdos, necessário é desenvolver habilidades para ler os textos específicos a eles relacionados. Por isso, a leitura deve ser trabalhada por profissionais de todas as áreas, principalmente se considerarmos a necessidade de serem desenvolvidas estratégias específicas para a leitura de textos que abordam conteúdos específicos (BORTONIRICARDO, 2010, pp. 51-52).

Na entrevista, disse P8: “Nessa escola, nunca tínhamos trabalhado assim. Então ainda é cedo para dizer se houve ou não progresso. Eu acho que sim. Mas em educação tudo é um crescente, nada vem tão rápido, até porque trabalhamos com estudantes com situações de aprendizagem bem diferente e (rindo) com professores também que pensam bem diferente.”.

A 7ª pergunta é também desejada como hábito do pesquisado: **Você gosta de ir à Feira do Livro?**

Sendo a Feira do Livro, no mínimo, um evento de grandes oportunidades, onde o mercado editorial apresenta o que há de mais novo e inédito nas mais diferentes áreas do conhecimento, o professor, ciente de sua relevância para o seu trabalho, deveria ter por hábito participar, interagir com os escritores, com o público presente. Para 29 professores ir à Feira do Livro é prazeroso.

A 8ª pergunta tem como objetivo conhecer práticas do pesquisado: **Você gosta de compartilhar com amigos, familiares ou estudantes os títulos lidos?**

Se a profissão de professor exige dele o hábito de ler e o faz conhecedor de sua importância para a formação integral do estudante, deveria ser natural para o professor o compartilhar os títulos de livros lidos, mas, para o grupo em estudo, apenas 20 professores gostam de propagar as obras lidas.

A 9ª pergunta pretende conhecer a relação escritor & leitor: **Você conhece algum escritor pessoalmente?**

O contato do leitor com o escritor é motivador, é um momento único, em que o leitor pode fazer perguntas ao escritor, saber como é o processo de escrita, como ele cria as histórias, como ele decide os finais. O encontro dos opostos, o que cria e o que analisa a criação, já foi vivenciado por 24 professores.

A escola desenvolveu em 2013 e 2014, o projeto Encontro Leitor & Escritor. O trabalho foi realizado com turmas específicas já que apenas duas professoras abraçaram a ideia. Em 2013, o escritor convidado foi Pedro Braga; em 2014, Cristiane Sobral. Ambos encantaram estudantes e professores com suas falas ricas em experiências de vida, de trabalho, além de bastante motivacional.

A 10ª pergunta pretende conhecer a relação leitor & livro: **Tem algum livro que marcou a sua vida?**

A sua relação com uma obra literária, com um livro, não técnico, passa pela subjetividade, pela sua história, pois o leitor pode usar a leitura como uma cartase, de forma que a história lida passa a ser inesquecível, já que em algum momento, por uma relação de simbologia, o livro marcou a sua vida. Entre os entrevistados, 25 professores asseguram que têm um livro que marcou a sua vida; cinco, mais ou menos; três, não. No entanto, dois professores não souberam responder, ou não quiseram responder. Para esses não haveria nenhum livro cuja história tenha apresentado para eles algo inspirador? Ao longo de toda a sua vida de leitura, não há nenhum livro que o tenha marcado, positiva ou negativamente? O questionário era de livre resposta, a identificação era facultativa, assim como o responder a todas as perguntas também.

Em separado, P8 disse: “Tenho sim vários livros que, ao longo da minha vida, me tocaram. Mas esses eu não gosto muito de divulgar. Acho que porque as outras pessoas podem conhecer minhas fragilidades pela relação com a história,”. P7 afirmou: “Sempre que tenho tempo, gosto de ler. Não sou muito chegado a ler livros religiosos, até porque não sigo nenhuma. Mas também não tenho nenhum problema em falar para colegas e estudantes os títulos dos livros que já li e porque eles foram importantes para mim.”.

A 11ª pergunta quer saber a prática: **Quantos livros você lê por ano?**

Os professores trabalham com o conhecimento, têm certeza de que é por meio da leitura que se tem acesso ao saber construído pela humanidade, mas a rotina, os excessos de trabalhos burocráticos que a profissão exige não dão a eles o tempo disponível para as leituras que gostariam de realizar. Dentre o grupo analisado, apenas um professor declara não ler nenhum livro por ano, o que, apesar de ser pouco (01 em 35), é lamentável. Nessa questão, dois professores também não responderam. A média de livros lidos por ano, nesse grupo pesquisado, é de dois ou três. Essa quantidade é pouca, pois em qualquer área de atuação e tendo em vista o volume de informações que são disponibilizadas diariamente, é mínima a leitura. Se as respostas forem analisadas apenas no campo Educação/Professor, são bastante negativas, uma vez que se espera desse grupo uma maior vontade de aprender e, para isso, há que se aproximar da leitura.

Os quatro professores entrevistados foram unânimes em afirmar que o que mais atrapalha a leitura, o que realmente impede o professor de ler é a falta de tempo, uma vez que eles levam trabalho para casa, onde, muitas vezes, têm outras obrigações, além de familiares que exigem sua atenção. Ler é mesmo importante, eles reconhecem, mas a demanda de tarefas não os permite ler como gostariam.

A situação do estudante brasileiro é preocupante, pois um percentual alto conclui a Educação Básica com sérias deficiências na leitura, na escrita e também nos cálculos. Se o professor não lê, seu estudante será estimulado a ler? Se o

professor não tem o hábito do estudo, conseguirá ensinar isso a seu estudante? Provavelmente não.

A 12ª pergunta provoca uma reflexão e solicita a participação subjetiva do entrevistado: **“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê.’ Você concorda com esta afirmação de Monteiro Lobato?”**

As respostas foram as mais variadas possíveis, mas todas colocaram a leitura como algo fundamental, essencial mesmo para o desenvolvimento integral do ser humano. Algumas das respostas dadas:

- ✓ Sim, a leitura abre um leque de conhecimento.
- ✓ Sim, concordo. A leitura fixa o vocabulário, melhora a argumentação, abre horizontes e favorece a criatividade.
- ✓ Sim, porque quem não lê, tem muitas limitações e não desenvolve uma visão crítica em relação aos assuntos que o cercam.
- ✓ Sim, a leitura possibilita que o indivíduo se estabeleça como ser pensante e se construa como protagonista de suas escolhas, por desenvolver no leitor um pensamento crítico e independente.
- ✓ Concordo. Mas partindo da ideia libertária de Paulo Freire, essa afirmação é válida quando a leitura do mundo é o resultado da leitura da palavra. Num mundo globalizado, onde o conhecimento é instrumento do poder, a leitura torna-se ímpar para libertar-se da opressão.

A 13ª pergunta objetivava conhecer os gêneros preferidos dos professores: **“Dos gêneros abaixo, escolha até 03 dos que mais gosta e classifique-os, usando 1 para gostar menos, 2 para gostar mais ou menos, e 3 para gostar bastante.**

Uma das maiores reclamações dos professores é que os estudantes não prestam atenção, não sabem interpretar, não compreendem os comandos e por isso cometem erros ao responderem as atividades propostas. Nessa pergunta foram apresentadas 15 opções de gêneros textuais e, de acordo com o comando, eles deveriam indicar três, escrevendo 1, 2 ou 3, entretanto, 19 professores não

responderam adequadamente, o que suscita a seguinte reflexão: É o estudante o único responsável pelo fracasso escolar? Por que o professor em situação semelhante à que expõe o estudante age, em grande maioria, como o próprio estudante, do qual ele tanto reclama?

Erros cometidos pelos professores: marcaram cinco opções, eram apenas três; marcaram todas as opções, escrevendo nelas 1, 2 ou 3, e 01 professor marcou X, em vez de escrever os algarismos solicitados.

Os gêneros mais escolhidos foram, em primeiro lugar, o romance; em segundo, drama; em terceiro houve empate entre religioso, aventura e ficção científica. Os professores, assim como os estudantes, têm preferências diferenciadas para a leitura, porém, é essencial que o estudante compreenda que durante sua formação acadêmica será convidado a ler obras com outras temáticas e as leituras preferidas passarão a fazer parte dos momentos de lazer. É necessário, para qualquer profissional que valorize o seu saber, conhecer a literatura pertinente à sua área de atuação, bem como a que traz conhecimentos gerais.

A unanimidade foi percebida novamente na 14ª questão **“Se o professor não gosta de ler, se ele pensa ser perda de tempo trabalhar com a leitura, qual a mensagem que ele passará aos estudantes?”**

Todas as respostas tiveram uma linha semelhante ao afirmarem que se o professor não gostar de ler, ele não estimulará seu estudante para a leitura, por não perceber nela algo importante para a formação integral do ser humano.

O ponto máximo do questionário ficou como última pergunta: **“Dê sugestões de como os professores devem agir para que os estudantes aprendam a gostar de ler”**.

As respostas deveriam formar um mapa mental, indicando caminhos por onde seguir na estrada da busca pelo prazer de ler. Dentre elas, destacamos:

- ✓ Incentivo, inclusive para frequentar a biblioteca;
- ✓ Criar momentos de leitura tendo, no mínimo, uma aula dedicada à leitura;

- ✓ Sugerir livros e textos interessantes de acordo com a idade;
- ✓ Conversar sobre a importância da leitura;
- ✓ Comentar sobre algum livro que leu;
- ✓ Passar um livro para ler e depois discutir em sala de aula;
- ✓ Ler para seus alunos e ler com os seus alunos;
- ✓ O professor deve trazer para sua rotina em sala “leituras” que façam parte do gosto comum do alunado;
- ✓ Incentivar os alunos a ler algo que retrata o dia a dia deles, pois isso vai fazê-los compreenderem a realidade;
- ✓ Primeiro ter o hábito de leitura, incentivá-los a ler com sua própria vivência;
- ✓ Trabalhar com a leitura todos os dias em sala de aula;
- ✓ Uma ideia seria apresentando livros que influenciaram a sociedade em diversos momentos da história da humanidade. Podemos trazer livros que são inspirações para as artes contemporâneas, como filmes, músicas, peças de teatro;
- ✓ Estimular os alunos a buscar gêneros e publicações de acordo com o desejo pessoal e não por obrigação;
- ✓ Primeiro passo é valorizar a leitura em discurso e prática. Mostrar-se leitor e incentivar a leitura por parte do aluno, sempre elogiando-o pelo seu desenvolvimento;
- ✓ Apresentar o mundo fantástico da leitura com os gêneros que mais os agradem. Apresentando formas de leitura digital e ou um ambiente agradável e estimulante para a leitura;
- ✓ Escolha de títulos de apelo popular, títulos que apresentem ludicidade para a idade do aluno e, principalmente, aumentar gradativamente a profundidade dos textos;
- ✓ Fazer uma roda de leitura, com cada aluno lendo um trecho do texto e, ao final, explicando-o;
- ✓ Ler revistas, jornais, literatura. Desenvolver leitura no próprio livro didático;
- ✓ Desenvolver projetos de leitura e dedicar um tempo das suas aulas para leitura individual e coletiva.

O que se pode inferir das respostas do grupo de professores analisados e das entrevistas é que todos têm ciência do papel fundamental da leitura na vida do ser

humano, do quanto o ato de ler, espontânea ou direcionadamente, contribui para o crescimento da pessoa em todos os aspectos da vida estudantil, pessoal e profissional. Entretanto, mesmo trabalhando com o conhecimento, sendo o saber sua matéria-prima, ainda encontramos professores que não têm o hábito de ler e quase nunca utilizam a leitura como uma estratégia pedagógica. Essa atitude afeta diretamente o estudante.

É importante ressaltar que, em todos os momentos, o professor deve trabalhar conjuntamente com os alunos, para que eles possam valer-se de modelos e, assim, adquirir habilidades para realizar leituras de modo independente, tornando-se leitores autônomos (BORTONIRICARDO, 201, p. 60).

Observar o professor em seu local de trabalho, em diálogo com seus pares, em sua relação com seus estudantes e o que estes dizem de suas aulas nos dão subsídios para vislumbrar o que acontece em sala de aula.

Um professor que tem prazer no que faz tende a favorecer um clima de aprendizagem nas suas aulas. Seu grau de compromisso com o desenvolvimento intelectual dos alunos e seu entusiasmo para com a matéria a ser trabalhada podem fazer melhorar, de maneira notável, os resultados da aprendizagem (PORTILHO, 2011, pp.56-57).

4.4.2 O que gostariam os Estudantes

Após a análise das respostas dos professores, o foco do trabalho foi direcionado para o estudante. Para que houvesse a maior semelhança de condições possível, o quantitativo de estudantes que participaram da pesquisa e da entrevista foi idêntico ao dos professores. Eles foram escolhidos aleatoriamente, em turmas diferentes e em todos os anos de atendimento da escola, ou seja, do 6º ao 9º ano, e a identificação também era facultativa.

O questionário era composto por 14 perguntas, sendo 13 objetivas e uma subjetiva. Dentre as perguntas selecionadas, apenas duas não eram iguais às apresentadas aos professores, as de número 03 e 06. A semelhança nos questionamentos foi utilizada visando-se ter dados concretos que envolvessem os dois sujeitos do processo de ensino e de aprendizagem: professor e estudante.

Como González Rey (2011) afirma: “Os instrumentos qualitativos podem ser de expressão individual, oral e escrita, ou interativos.”.

A 1ª pergunta é direta e teve por objetivo saber realmente o que sente o estudante em relação à leitura: **Você gosta de ler?**

Do universo de 35 estudantes pesquisados, apenas dois responderam que não gostam de ler, o que é positivo. Outros 15 afirmaram gostar mais ou menos. Se esses estudantes ainda não se reconhecem como leitores apaixonados, já que gostam mais ou menos, há uma grande probabilidade para eles serem conduzidos ao outro extremo – gostar de ler, desde que sejam trabalhados adequadamente. Para os que afirmam gostar de ler é necessário manter a motivação, diversificando ações e títulos.

Na entrevista, E9 disse: “Eu gosto de ler. Leio de tudo, leio desde pequeno, mas aqui na escola nem sempre posso escolher o livro que quero ler e isso é ruim”. E7 falou: “Ler? Não gosto muito não, prefiro jogar ou ficar no Facebook.” E8 afirmou: “Gosto mais ou menos. Agora com esse novo projeto é que os professores, todos eles, estão fazendo a gente ler e ler muito. Ou aprendo a gostar ou não vou aguentar vir para as aulas (risos).”.

A 2ª pergunta teve como objetivo saber como é a relação dos estudantes e dos pais, em casa, com os livros: **Seus pais liam para você quando você era pequeno?**

Os pais ou responsáveis ainda hoje, século XXI, não têm o hábito de ler para seus filhos. A comunidade escolar do Centro de Ensino Fundamental pesquisado é 90% alfabetizada, sendo assim, já ouviram falar sobre a importância da leitura, entretanto, não têm o hábito de ler para seus filhos menores ou o fazem às vezes. Esse aprendizado é significativo para as crianças e terá representatividade na relação delas com o livro ao longo de toda a sua vida acadêmica e pessoal.

A média de idade dos pais dos estudantes da pesquisa é 30 anos, uns menos – os pais dos menores (6º ano) e outros mais – os pais dos maiores (9º ano). Ou seja, temos um grupo de pais escolarizado, em quase sua totalidade, uns até com mestrado, mas que mesmo assim não tiveram o cuidado de desenvolver em seus filhos o gosto pela leitura, confirmando que não é comum a proximidade pais-livros-filhos.

Na entrevista, E6 respondeu: “Minha mãe lia para mim, às vezes, porque na maioria das vezes, ela estava muito cansada ou tinha muita coisa pra fazer.”. E7 falou: “Ler lá em casa é piada. Minha mãe nem quis ajudar, não colaborou para comprar os livros. Sabe, ela acha que isso não é importante e que livros é o governo que tem que dá pra gente.”.

A 3ª pergunta pretendia saber a realidade da sala de aula: **Na escola, seus professores incentivam a leitura?**

Para o bem de todos os estudantes, foi confirmando o uso da leitura em sala de aula pelos professores. O ideal é que essa postura fosse uma ação habitual e natural, que os professores não precisassem ser lembrados da necessidade de a praticarem e nem que o estudante esperasse seu comando para agir, para ir à biblioteca ou livraria e se permitisse ler.

Trabalhar com a interdisciplinaridade é o caminho vislumbrado para amenizar a fragmentação e resgatar o todo. A leitura, nesse contexto, é o guia, pois perpassa as disciplinas, tendo o poder de criar situações de reflexão, de discordância e de novo pensar. Que bom que os professores e as professoras, independente das disciplinas de atuação, a incentivam, cumprindo assim um dos objetivos do projeto.

A 4ª pergunta objetivava avaliar se o estudante tem consciência da importância da leitura: **Você concorda que a leitura seja um diferencial na vida do estudante?**

Uma constatação extraordinária é perceber que, tanto entre os professores quanto entre os estudantes, todos, 100% dos entrevistados, concordam que a leitura

seja um diferencial na vida do estudante. Mas é pouco inteligente que saibam isso na teoria e não a internalizem na prática. Se a dificuldade no aprendizado está ligada à falta de proficiência na leitura e todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem sabem disso algo está errado: o que falta, o que precisa ser feito e por quem para que o quadro atual sofra positivas transformações?

Na entrevista, tivemos posições bem firmes dos estudantes. E9: “Concordo. Eu gosto de ler e meus colegas mesmos dizem que sou nerd, mas não sou não. Só sou atento. Acho que ler me ajuda a ser focado.”. E8: “Sei que é importante ler. Pelo menos é isso que já ouvi dizer um montão de vezes, mas não entendo, de verdade, como ler vai me tornar diferente.”.

A 5ª pergunta seria, quiçá, a chave do enigma: **Qual o local ideal para ensinar ao estudante a paixão pelo livro?**

O local ideal para ensinar a paixão pelo livro é, segundo a maior parte dos estudantes e professores pesquisados, prioritariamente em casa. Porém, os estudos comprovam que a prática está longe de ser o desejado. Se professores e estudantes entendem que é em casa, e não na escola, que se ensina a gostar de ler, pode-se dizer que para esse grupo não fará falta o trabalho com a leitura na escola, mas, apesar de terem essa opinião, sabem que é na escola que a relação enigmática entre livro e leitor acontecerá de forma definitiva.

Nos dois grupos, a diferença entre as respostas – em casa / na escola – foi próxima, isto é, por pouca diferença a opção mais escolhida foi em casa. Isso sugere que os dois locais (casa/escola) são fundamentais para o despertar para a leitura. Entretanto, como ainda temos um país com grandes desigualdades sociais, com um número significativo de analfabetos e com uma parcela comprometida de analfabetos funcionais, é responsabilidade primeira da escola o desenvolvimento de ações que fomentem a leitura e a escrita autoral.

A 6ª pergunta é, para um público que nasceu na era da tecnologia e do consumismo desenfreado, um desafio: **Você já ganhou algum livro de presente?**

Ganhar livros de presente é comum entre os estudantes, uma vez que 29 deles responderam que sim. Para E8 “Ganhar livros é o mesmo que ganhar roupas quando se quer, na verdade, brinquedos.”. E9: “Eu acho que eu vou ser a única diferente nessa sua pesquisa. Eu já ganhei livro de presente sim. Ou melhor, eu já pedi livro de presente, porque eu queria muito acabar de ler uma série e meus pais disseram que minha verba pra livro já tinha acabado por um bom tempo. Fiquei desesperada, eu tinha que acabar de ler. Chorei, fiquei com raiva e minha madrinha, vendo meu sofrimento, sugeriu eu pedi livros de presente de aniversário. Adorei a ideia e consegui completar minha coleção *Fazendo meu filme*.”. E7: “Só vale se eu puder trocar. Vai que o livro que eu ganhei eu não gosto. Então, vou lá e troco, de repente troco até por gibi (risos).”.

A 7ª pergunta envolve cultura e lazer: **Você gosta de ir à Feira do Livro?**

Se for feita a soma dos que responderam sim (25) e dos que responderam mais ou menos (04), alcançar-se-á a marca de mais de 80% dos estudantes que gostam de visitar a Feira do Livro. Isso é bastante positivo, pois mesmo que eles não comprem nenhum livro, que não se interessem por quase nada, só o fato de estar num ambiente culturalmente rico, com pessoas que estudam, que são intelectuais e que sabem o valor que tem a educação geral das pessoas, só isso já compensa sua ida, mesmo que eles não se apercebam disso.

A 8ª pergunta tem um viés colaborativo: **Você gosta de compartilhar com os amigos os títulos lidos?**

Compartilhar com os amigos os títulos lidos não é uma prática entre eles. O mesmo número de estudantes que disse gostar (11) afirmou não gostar. O destaque ficou para os que às vezes fazem isso (13). Se for feito um levantamento das causas prováveis de não se compartilhar com os amigos, é possível que se encontrem diferentes razões, entre elas timidez, vergonha, medo do que o colega dirá e, quiçá, falta de compreensão total da história lida. Para E6: “Conversar com os colegas sobre os livros que já li, é legal, mas depende de quem. Hoje em dia, a turma quer saber mesmo é de Facebook, whatsApp. Esse papo de livro não agrada muito não, mas não é todo mundo que pensa assim, ainda bem, né?”.

A 9ª pergunta era: **Você conhece algum escritor pessoalmente?**

Se ler uma história, imaginar como ela foi criada, como seria o seu desfecho se acontecessem outras situações, por que foram escolhidos aqueles nomes, aquele lugar, aquela época são ações que instigam o leitor, saber as respostas para essas indagações, ouvindo-as do próprio escritor, deve ser, para o leitor em construção, uma forte emoção. Oportunizar esse momento é uma ação que a escola em estudo realizou nos dois últimos anos, com o projeto Encontro Leitor & Escritor, mas que ainda não alcançou a totalidade dos alunos: 25 deles afirmam nunca terem tido contato pessoalmente com um escritor.

Os quatro entrevistados disseram não conhecer, mas eles sabiam que na escola já tinha ido escritores, que seus irmãos ou primos falaram sobre isso, dizendo que foi bom ler os livros e depois conversar com o escritor.

A 10ª pergunta pretendia saber o impacto dos livros lidos na vida de cada um:
Tem algum livro que marcou sua vida?

Ler é uma experiência individual, já que a mesma história poderá impactar de maneiras diversificadas os diferentes leitores, uma vez que a leitura é um diálogo subjetivo entre a história lida e a história de vida do leitor. Dentre os estudantes pesquisados, 22 deles têm um livro que marcou sua vida, seja pela história, seja pela semelhança com sua própria história, seja por um desejo oculto. O que faz toda a diferença é que o estudante leu e, em certa medida, o que estava escrito no livro lhe serviu.

A estudante E9 foi a mais falante, a mais empolgada. Ela tinha vários livros que marcaram sua vida. Perguntei por que a coleção *Fazendo meu filme*, da escritora brasileira Paula Pimenta, e ela respondeu que “Fani” vive tudo o que ela ainda vai viver, tem a idade que ela ainda não tem (está com 14 anos), mas que acompanhar sua trajetória, sua vida, suas angústias, medos e conflitos serviria de guia para ela mesma. Ao dizer isso, sua expressão era de um misto de felicidade e ansiedade.

O caráter construtivo-interpretativo que atribuímos à produção de conhecimento enfatiza que este tem de ser construído em relação ao que expressa o sujeito estudado. Nenhuma expressão do sujeito pode ser tomada de forma direta pelo pesquisador fora do contexto geral em que se produz. Os instrumentos representam um momento de um processo mais abrangente, dentro do qual adquirem significação as expressões do sujeito estudado (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 91).

A 11ª pergunta era crucial: **Quantos livros você lê por ano?**

Se para um adulto que já compreendeu que é difícil hoje ficar sem ler, para um estudante deveria ser impossível, mas, mesmo assim, identificaram-se estudantes que não leem nenhum livro por ano, apesar de estudarem no Ensino Fundamental. Em oposição, mais de 85% deles leem, no mínimo, dois livros por ano.

O hábito ler, seja livro impresso, seja e-book, deve ser continuamente incentivado, haja vista ser a educação um caminho de livros que, cada um na sua área e com seus objetivos, retratam a história local e da humanidade.

Se a partir das respostas obtidas com a 11ª pergunta, fossem feitas novas perguntas, buscando detalhar as causas da não leitura, o leque de justificativas seria grande – falta de tempo, de recursos financeiros, de hábito, de interesse – até chegar ao item dificuldade para entender o que se lê.

A representante do 9º ano (E9) diz que já chegou a ler 15 livros num ano. O E7 lê só os que são obrigados e mesmo assim, nem sempre lê tudo. E6 e E8, leem dois, três, depende muito.

A 12ª pergunta era, para os estudantes, objetiva: **“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê.’ Você concorda com esta afirmação de Monteiro Lobato?”**

A segunda unanimidade entre os estudante foi a resposta à essa pergunta: todos responderam sim. Novamente se tem na teoria uma opinião que a prática não confirma, uma vez que há estudantes que não gostam de ler e que não leem

nenhuma obra ao longo do ano. Contudo, é notório que todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem (estudantes, pais e professores) sabem ser a leitura a coluna mestra da educação.

A 13ª pergunta objetivava conhecer os gêneros preferidos entre os estudantes: **“Dos gêneros abaixo, escolha até 03 dos que mais gosta e classifique-os, usando 1 para gostar menos, 2 para gostar mais ou menos, e 3 para gostar bastante.”**

Como era previsível, os mais votados foram aventura, comédia e romance, seguidos, empatados, por fantasia e ficção científica.

A 14ª pergunta era subjetiva: **“Dê sugestões de como os professores deverão agir, o que eles poderão fazer para que os estudantes aprendam a gostar de ler.”**

As respostas sugestões são interessantes e, dentre elas, destacamos:

- ✓ Fazer roda de leitura, ler livros com personagens, os alunos fazerem peças de livros interessantes e educativos;
- ✓ Dar um livro por semana para cada aluno. Falar bastante sobre os autores e toda semana ler os resumos que você pediu ao aluno;
- ✓ Escolher livros a partir dos alunos, com os alunos dando sugestões de gêneros dos livros para que cada um se sinta confortável;
- ✓ Explicar para os alunos que a leitura é boa para a vida;
- ✓ Passar livros para ler e depois fazer perguntas;
- ✓ Falar de livros que estão fazendo sucesso, mostrar filmes inspirados em livros;
- ✓ Tirar uma aula para levar livros para os alunos lerem;
- ✓ Integrar títulos de livros às matérias, fazendo assim com que o conteúdo aplicado dependa do livro para ter continuidade;
- ✓ Procurar saber o gênero de livro que cada aluno gosta de ler, passar a ele alguns títulos de livro e cobrar do aluno a leitura dele. Procurar saber qual o motivo do desinteresse do aluno, trabalhar escola e pais juntos para reverter essa situação. Apresentar a importância da leitura para o aluno. Cobrar em sala de aula a leitura;

- ✓ Incentivar os alunos a ler muito porque a leitura é o caminho para a paz, porque tudo que existe é baseado na leitura. Os professores poderão fazer brincadeiras para os alunos acharem legal;
- ✓ Colocar os alunos para fazer leitura de livros ou textos em voz alta porque assim estimula a ler;
- ✓ Ler livros na sala de aula e que cada aluno leia uma parte do livro;
- ✓ Separar pelo menos uma aula para ler algum trecho de livro ou para argumentar sobre algo que leu e achou interessante. Trazer alguns livros para emprestar para os alunos lerem e também incentivar todos a ler e depois falar um pouco sobre o que entendeu e qual a informação o livro passa;
- ✓ Escolher um livro a cada mês e em cada começo de aula, ler 2 a 3 páginas do livro, assim até quem não gosta de ler lerá;
- ✓ Começar com livros pequenos e depois ler livros maiores e divertidos. Mostrar aos alunos como é importante e bom para a vida acadêmica do aluno;
- ✓ Criar projetos de leitura em que os alunos escolham o livro que lerá de acordo com um tema proposto. Dar oportunidade a quem leu de compartilhar o que gostou ou o que se conta no livro lido para os colegas;
- ✓ Permitir que o aluno leve o livro para ler em casa.

As sugestões dos estudantes não diferem muito das práticas adotadas pelos professores. É verdade, no entanto, que há situações em que os títulos escolhidos são determinações do professor, dos objetivos do currículo e nem sempre se poderá ter uma leitura livre, mas nada impedirá de se propor um equilíbrio entre as leituras optativas e as obrigatórias. Mas, como afirma Portilho (2011), “é importante destacar que o sujeito que aprende somente sentirá esta necessidade se for sensibilizado para tal. E este papel de sensibilizador, no nosso caso, cabe ao professor.”.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na escola, estamos no 4º bimestre letivo e o projeto interdisciplinar - Ler & Escrever: Ação de todos! - continua em desenvolvimento, uma vez que foi planejado para acontecer durante todo o ano.

Avaliar seus resultados é, obrigatoriamente, olhar para o ontem e compará-lo ao hoje, vislumbrando o amanhã.

Ontem não tínhamos:

- ✓ aulas planejadas a partir leitura e da escrita;
- ✓ livros acessíveis a todos os estudantes levados para a sala de aula pelo próprio professor, sem a burocracia habitual da biblioteca;
- ✓ “aulas de leitura”, em todas as disciplinas, semanalmente;
- ✓ professores e estudantes lendo livros, ao mesmo tempo;
- ✓ leituras de temas atuais, em diferentes suportes, trabalhados com estratégias diferenciadas;
- ✓ momento único para produção de texto autoral;
- ✓ correção de todas as produções de texto com as intervenções necessárias ao refazimento do texto;
- ✓ avaliações interdisciplinar com temática única: importância da leitura;
- ✓ professores de áreas distintas pesquisando, debatendo em grupo o tema, analisando pertinência, elaborando questões e montando uma avaliação interdisciplinar sobre leitura;
- ✓ maior facilidade para elaboração de questões de interpretação por parte dos professores, inclusive os das exatas;
- ✓ adesão de, no mínimo, 60% dos pais ou responsáveis;
- ✓ parceria com a Empresa de Correios e Telégrafos para arrecadação de livros para o projeto;
- ✓ doação espontânea por parte de professores, estudantes e pais de livros para o projeto;
- ✓ um número expressivo de estudantes participando voluntariamente de concursos de redação;
- ✓ concurso para a criação da logomarca do projeto, nas aula de Arte.

Hoje temos:

- ✓ certeza de que o estudante lê, se for corretamente motivado;
- ✓ convicção de que o estudante escreve, se orientado, e sua escrita tiver um propósito;
- ✓ estudantes que não podem reclamar que não tiveram oportunidades para ler na escola;
- ✓ professores (de todas as áreas) que leem com os estudantes semanalmente;
- ✓ estudantes que solicitam livros emprestados para continuar a leitura em casa;
- ✓ um número bom de pais que participam do projeto e até mesmo leem em casa os livros que os filhos levam emprestados;
- ✓ um grupo de professores que não pode mais se manter indiferente à importância da leitura;
- ✓ um corpo docente que vivenciou, na prática, um projeto interdisciplinar;
- ✓ aumento do quantitativo de textos em avaliações e de outros suportes de leitura;
- ✓ maior movimentação na biblioteca;
- ✓ estudantes lendo no horário do intervalo;
- ✓ participação espontânea de estudantes em concurso locais e nacionais de redação;
- ✓ maior desenvoltura dos estudantes em entrevistas.

Amanhã precisaremos:

- ✓ dar continuidade ao projeto;
- ✓ estimular o estudante a ler e a escrever, conscientizando-o de que dominar a leitura e a escrita contribuem para sua autonomia;
- ✓ ampliar o acervo;
- ✓ conquistar a adesão dos pais ou responsáveis que ainda não compreenderam a importância do trabalho;
- ✓ instrumentalizar o professor para que ele tenha melhores recursos à sua disposição e planeje aulas em que o ler e o escrever sejam práticas salutaras;

- ✓ ampliar as atividades interdisciplinares, definindo em grupo, novos temas pertinentes a todos e que fazem parte do dia a dia da vida em sociedade.

Observar os professores de áreas diferentes reunidos para elaborarem uma avaliação interdisciplinar com o tema “Importância da leitura” foi uma experiência rica. Ficou clara a dificuldade que eles têm em criar questões, quando o assunto não é o “conteúdo” deles. Para auxiliá-los, foi explicado que, por leitura, entendam-se todas as mais diversas formas de ler existente no meio social: livros, revistas, jornais, tabelas, gráficos, HQ, mapas, receitas, manual de instruções, imagens, desenhos, charges, infográficos etc.

A aplicação da produção de texto aconteceu como planejamos. Os pais, avisados pelos estudantes e pelos comunicados espalhados pela escola, sabiam da importância da presença de todos e o número de ausências foi pequeno.

Os professores de língua portuguesa trabalharam em várias coordenações individuais para procederem à correção conforme combinado. Os estudantes puderam vivenciar um momento oficial de prova escrita, subjetiva, em que nada havia para se decorado, mas em que eles deveriam se posicionar, defendendo sua opinião com argumentos lógicos e coerentes.

O trabalho com as caixas de livros teve resultados positivos: estudantes e professores lendo, ao mesmo tempo, em sala de aula. Lia-se nas aulas de matemática, educação física, geografia, história, ciências naturais, arte e até nas de língua portuguesa. Ao encerrar a aula, estudantes procuravam a coordenação pedindo para levar o livro para casa para acabar de ler no final de semana. Só por essa atitude, temos a certeza de que valeu todo o esforço para levar a termo a experiência.

Os resultados alcançados poderiam ter sido melhores, mas, para isso, necessitávamos da parceria incondicional e do empenho de todos os professores, o que não aconteceu. Não tivemos situações de boicotes ao projeto, no entanto,

percebemos uns poucos colegas sem o entusiasmo contagiante, tão importante para alcançar o estudante. Eles não deixaram de fazer o que foi proposto, mas o fizeram sem paixão e, em educação, como em quase tudo na nossa vida, o bater forte do coração, o brilho do olhar, o vivenciar novas possibilidades são a mola propulsora da realização. Segundo Antunes (2008), o papel do professor é essencial, quando descobre que sua finalidade é ajudar o aluno a organizar, ampliar e aprofundar os saberes que traz consigo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica é, sem dúvidas, uma tríade: pensar – executar – (re)avaliar. Desenvolver ações que incentivem a leitura e valorizem a escrita autoral, numa perspectiva interdisciplinar, é dar sentido, visibilidade e aplicabilidade ao que se ensina na escola.

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (LÜCK, 1994, p.64).

A leitura e a escrita têm papéis essenciais nos processos tanto de ensino quanto de aprendizagem. Mas para que tenham eficiência, há um longo percurso a ser percorrido: o professor deverá seguir a trilha da pesquisa, ou seja, concluir a graduação apenas não lhe dará a autonomia nem o embasamento teórico que a sala de aula do Século XXI exige; o estudante deverá seguir a trilha do protagonismo, do autodidatismo para que saiba usufruir da gama de informações que a era tecnológica lhe oferece, sem, no entanto, deixar esquecido o trabalho colaborativo.

O trabalho do professor, na perspectiva da formação do estudante-leitor e do estudante-escriptor, ainda está aquém do que deveria ser realizado. Para que o estudante tenha, ao concluir o Ensino Fundamental e, quicá, a Educação Básica, um repertório de leitura considerado razoável é necessário uma mudança significativa no dia a dia da sala de aula.

O ensino deve estimular a pessoa a parar, refletir sobre sua própria maneira de ser, pensar, agir e interagir, assim como convidá-la, conscientemente, a mudar quando for necessário melhorar sua aprendizagem (PORTILHO, 2011).

Os anos iniciais são a base para a continuidade dos estudos. Quando chega aos anos finais do ensino fundamental, o estudante já deveria ter uma prática de

leitura, mas na escola da pesquisa, isso não era realidade. Muitos estudantes afirmaram que jamais tinham lido um livro inteiro, ou que fingiam que liam, já que nada seria feito após a leitura. Outros, porém, tinham o hábito da leitura e liam diferentes obras. Entre esses estudantes, vários aprenderam a gostar de ler na escola, o que é um indicador de que a escola não pode se furtar ao desenvolvimento desse trabalho. Como apregoa Gonzalez Rey (2011): “Sem implicação subjetiva do sujeito pesquisado, a informação produzida no curso do estudo perde significação e, portanto, objetividade, no sentido mais amplo da palavra.”.

Se incentivar a leitura é uma atividade que, em princípio, é pouco trabalhosa e mesmo assim não é algo rotineiro no ambiente escolar, imagine o que não acontece com a escrita, que é, sem receio, bastante exigente, tanto por parte do professor quanto do estudante.

No 9º ano, identificaram-se estudantes que, segundo eles próprios, jamais tiveram uma redação orientada passo a passo, com correções pontuais e com a indicação do que se fazer a partir do que foi sinalizado. Foi para eles uma primeira experiência relacionada a estudar um tema e produzir um texto, que seria verdadeiramente corrigido pelo professor. Dentre os professores de língua portuguesa, houve alguns que reclamaram, alegando ser grande o volume de produções de texto para corrigir e, perguntados se essa não seria uma prática deles, imediatamente responderam que não.

O professor de qualquer área do conhecimento deveria ter habilidade para trabalhar com a língua materna, tanto na oralidade quanto na escrita, todavia, essa é uma meta que, para ser efetivada, terá que ocorrer mudanças na formação inicial e continuada do professor.

Não se lê criticamente (...). A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo (FREIRE, 1996, p.27).

Só a conscientização de que o ler e o escrever são responsabilidades de todos será capaz de alcançar a sala de aula e mudar significativamente a prática pedagógica dos milhares de professores Brasil a fora.

Para tanto, é preciso que as escolas, ao desenvolverem seus projetos pedagógicos, considerem que um trabalho eficiente com leitura requer que sejam exploradas habilidades e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progrida na educação básica, essas habilidades e competências possam tornar-se mais complexas (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 83).

A experiência vivida pelos estudantes com o projeto interdisciplinar - Ler & Escrever: Ação de todos! - possibilitou a eles o contato com um número grande de títulos, de gêneros diversificados, socialização de histórias lidas e escrita autoral. Essas possibilidades apoiam-se no que diz Bortoni-Ricardo (2010): “É também importante instigar o leitor a assumir responsabilidade perante a leitura; por isso, o aluno/leitor não deverá apenas responder ao que o professor questiona, mas deve também interrogar-se sobre o texto.”.

A pesquisa realizada foi certamente um diferencial para todos os que dela participaram diretamente. Se a pedagogia de projetos teve resultados validados pela comunidade escolar, mais uma vez confirmou-se que é possível sim fazer o que se tem que fazer, desde que haja boa vontade e disposição para planejar, organizar, executar, avaliar e reavaliar as ações desenvolvidas, afinal, pessoas são seres pensantes.

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, pp. 145-146).

Viver é um ato complexo. Aprender é substancial para que sua vida seja plena. Aprender-se observando, fazendo-se e lendo. A leitura dá ao homem a chave do passado, o faz forte no presente e o instrumentaliza para criar o futuro. Isso gera história que só permanece história porque foi escrita, lida e compreendida. Antunes (2008) conclui: A finalidade do ensino é também integrar o que se descobriu de maneira lógica e racional.

Esta pesquisa oportunizou-me observar, com proximidade, a prática dos professores envolvidos e a (re)ação dos estudantes. Não há ensinar sem aprender, assim como não há aprender sem persistência.

O professor precisa cuidar com atenção de sua formação continuada, sob pena de não se adequar à nova sala de aula. O estudante necessita ser orientado sobre o uso das tecnologias da informação e conhecimento, para que possa usufruir desses recursos com ética, responsabilidade, respeito e dignidade.

Ler e escrever são fundamentais à vida de quaisquer pessoas que percebam no estudo o meio civilizado de mudar sua própria história e, oxalá, a daqueles com quem convive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli. D. A. D. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.
- ANTUNES, Celso. **Professores e Professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógicas diversas**. 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008
- BARBOSA, J. P. **Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas**. 1. ed. São Paulo: FDT, 2012.
- BARRUECO, S. M. F. **Teoria e prática - um processo de transformação nas práticas formativas**. Revista Direcional Educador, São Paulo, n. 61, p. 22-24, fevereiro 2010.
- BAZZONI, Cláudio. **Trabalho integrado para ensinar a ler**. Revista Nova Escola. São Paulo, Edição Especial nº 28, p. 66, nov. 2009.
- BESSA, Ana Paula. **Professor Antônio Carlos Gomes da Costa**. Revista NAVE – inspirações para novas práticas. Rio de Janeiro, v 1, p. 10, out. 2015.
- BETTEGA, M. H. S. **A educação continuada na era digital**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Formação do professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORTONI, Márcia. **Alfabetização e Letramento**. Texto disponibilizado na plataforma da Especialização em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais promovida pela Universidade de Brasília, de 2014 a 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** (versão preliminar). Brasília: MEC, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA, Governo do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. GDF/SEEDF, 2010.

_____. **Diretrizes de Avaliação Educacional. Aprendizagem Institucional e em Larga Escola** GDF/SEEDF, 2014-2016.

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Projeto Político-Pedagógico, triênio 2014-2016**, CEF 12 de Ceilândia. Brasília: 2014.

CAMPOS, Fábio. **Oi Futuro**. Revista NAVE – inspirações para novas práticas. Rio de Janeiro, v 1, p. 5, out. 2015.

CEREJA, William. **Leitura: uma arquivcompetência**. Revista Nova Escola. São Paulo, Edição Especial nº 28, p. 67, nov. 2009.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Pedagogia da presença; da solidão ao encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FAULSTICH, Enilde L. de J. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FIGUEIRA, José Augusto da Gama. **NAVE – celeiro profícuo de investigação científica**. Revista NAVE – inspirações para novas práticas. Rio de Janeiro, v 1, p.16, out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo. Editora Cortez. 1982.

GARCEZ, Lucília H. D. C. **Ler = Muito prazer**. 1. ed. Fortaleza: Conhecimento Editora, 2008.

_____. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever.** 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, selo Martins, 2012 (Coleção ferramentas).

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural.** Tradução: ZIBAS, D. M. L. São Paulo: Cortez, 1987.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia : caminhos e desafios.** Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo : Cengage Learning, 2011.

KLEIMAN, Ângela B. **Processos identitários na formação profissional.** Campinas, SP.: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Processos identitários na formação profissional. O professor como agente de letramento.** In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (orgs.). *Ensino de Língua: representação e letramento.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006 (Coleção ideias sobre a linguagem). pp. 75-91.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LÜDKE, M. . A. M. E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.) **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Maceió : EDUFAL, 2002

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP : Papyrus, 2000 (Coleção Papyrus Educação).

PASSARELLI, Lílian Maria G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

PEDROSA, Fernanda; HORTA, Júlio. **A pesquisa docente como meio de reflexão e transformação**. Revista NAVE – inspirações para novas práticas. Rio de Janeiro, v 1, pp. 20-32, out. 2015.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

RIBEIRO, V. M. (.). (Ed.). **Letramento no Brasil**. São Paulo : Global, 2003.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Nos trilhos da Interdisciplinaridade**. Módulo V da Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais. UnB, Brasília, 2015.

ROJO, Roxane C. G. (.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SIMÕES, Luciene Juliano. **Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura**. Erechim: Edelbra, 2012

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **O ato de ler exige motivação, objetivos claros e estratégias**. Revista Nova Escola. São Paulo, Edição Especial nº 28, pp. 14-16, nov. 2009.

ANEXOS

A. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES



Núcleo de Estudos e Acompanhamento das Licenciaturas
Coordenação de Formação Continuada de Professores

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LETRAMENTOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS FINAIS (6º AO 9º ANO)

Pesquisadora: Vitória Régia de Oliveira Pires

Prezado(a) professor(a) colaborador(a),

Estou desenvolvendo uma pesquisa no *Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos anos finais (6º ao 9º ano) da Universidade de Brasília*. Minha pesquisa tem por objetivo investigar como se dá a prática pedagógica do professor na perspectiva da formação do estudante-leitor e do estudante-escritor dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Sua prática em sala de aula muito tem a nos ensinar. Nesse sentido, sua participação é bastante significativa e importante.

As questões são de fáceis respostas, sendo bem objetivas. Sinta-se à vontade para respondê-las.

Agradeço, desde já, sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,
Vitória Régia de Oliveira Pires
vickregia2603@yahoo.com.br
maio/2015

Assinale apenas uma opção, nas perguntas de Nº 01 a 11.

1. Você gosta de ler? () Sim () Não () Mais ou menos	7. Você gosta de ir à Feira do Livro? () Sim () Não () Mais ou menos	
2. Seus pais liam para você, quando você era criança? () Sim () Não () Às vezes	8. Você gosta de compartilhar com amigos, familiares ou estudantes os títulos lidos? () Sim () Não () Mais ou menos	
3. Você, agora adulto, lê para filhos, sobrinhos, afilhados, ou seja, para crianças? () Sim () Não () Às vezes	9. Você conhece algum escritor pessoalmente? () Sim () Não	
4. Você concorda que a leitura seja um diferencial na vida pessoal, profissional, social e familiar do ser humano? () Sim () Não () Mais ou menos	10. Tem algum livro que marcou a sua vida? () Sim () Não () Mais ou menos	
5. Qual o local ideal para ensinar ao estudante a paixão pelo livro? () Em casa () Na escola () No trabalho	11. Quantos livros você lê por ano? () Nenhum () 01 () 02 ou 03 () 04 ou mais	
6. Em sua disciplina, você trabalha com leitura? () Sim () Não () Às vezes	12. “Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Você concorda com esta afirmação de Monteiro Lobato? Por quê? 	
13. Dos gêneros abaixo, escolha até 03 dos que você mais gosta e classifique-os, usando 1 para gostar menos, 2 para gostar mais ou menos, e 3 para gostar bastante:		
() aventura	() romance	() romance policial
() drama	() comédia	() terror
() poesia	() fantasia	() ficção científica
() infanto-juvenil	() distopia	() erótico
() young adult/jovem adulto	() new adult/novo adulto	() religioso

14. Se o professor não gosta de ler, se ele pensa ser perda de tempo trabalhar com a leitura, qual a mensagem que ele passará aos estudantes?

15. Dê sugestões de como os professores devem agir para que os estudantes aprendam a gostar de ler.

B. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES



Núcleo de Estudos e Acompanhamento das Licenciaturas
Coordenação de Formação Continuada de Professores



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LETRAMENTOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NOS ANOS FINAIS (6º AO 9º ANO)

Pesquisadora: Vitória Régia de Oliveira Pires

Caríssimo(a) estudante colaborador(a),

Eu estou desenvolvendo uma pesquisa no *Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos anos finais (6º ao 9º ano) da Universidade de Brasília*. Minha pesquisa tem por objetivo investigar como se dá a prática pedagógica do professor na perspectiva da formação do estudante-leitor e do estudante-escritor dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Sua experiência em sala de aula muito tem a nos ensinar. Nesse sentido, sua participação é bastante significativa e importante.

As questões são de fáceis respostas, sendo bem objetivas. Sinta-se à vontade para respondê-las.

Agradeço, desde já, sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,
Vitória Régia de Oliveira Pires
vickregia2603@yahoo.com.br

maio/2015

Assinale apenas uma opção, nas perguntas de 01 a 12.

1. Você gosta de ler? () Sim () Não () Mais ou menos	2. Seus pais liam para você, quando você era pequeno? () Sim () Não () Às vezes	3. Na escola, seus professores incentivam a leitura? () Sim () Não () Às vezes
4. Você concorda que a leitura seja um diferencial na vida do estudante? () Sim () Não () Mais ou menos	5. Qual o local ideal para ensinar ao estudante a paixão pelo livro? () Em casa () Na escola () No trabalho	6. Você já ganhou algum livro de presente? () Sim () Não
7. Você gosta de ir à Feira do Livro? () Sim () Não () Mais ou menos	8. Você gosta de compartilhar com os amigos os títulos lidos? () Sim () Não () Às vezes	9. Você conhece algum escritor pessoalmente? () Sim () Não
10. Tem algum livro que marcou a sua vida? () Sim () Não () Mais ou menos	11. Quantos livros você lê por ano? () Nenhum () 01 () 02 ou 03 () 04 ou mais	12. “Quem lê mais, fala melhor, escreve melhor e é mais criativo.” Você concorda com esta afirmação? () Sim () Não () Mais ou menos

13. Dos gêneros abaixo, escolha até 03 dos que você mais gosta e classifique-os, usando 1 para gostar menos, 2 para gostar mais ou menos, e 3 para gostar bastante:

- | | | |
|------------------------------|---------------------------|-----------------------|
| () aventura | () romance | () romance policial |
| () drama | () comédia | () terror |
| () poesia | () fantasia | () ficção científica |
| () infanto-juvenil | () distopia | () erótico |
| () young adult/jovem adulto | () new adult/novo adulto | () religioso |

14. Dê sugestões de como os professores deverão agir, o que eles poderão fazer para que os estudantes aprendam a gostar de ler.

C. Proposta para Produção de Texto - 6º ano



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia
Centro de Ensino Fundamental X de Ceilândia



Projeto Interdisciplinar - Ler e Escrever: Ação de todos!

Proposta para Produção de Texto - 6º ano



Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, escreva uma **carta** para um amigo ou uma amiga, contando a ele/a ela o quanto ler é importante.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- _ Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- _ O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- _ O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- _ A redação deve ser desenvolvida na folha própria e escrita com caneta esferográfica de tinta com azul ou preta.

D. Proposta para Produção de Texto - 7º ano



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia
Centro de Ensino Fundamental X de Ceilândia



"Todo dia é dia de aprender!"

Projeto Interdisciplinar - Ler e Escrever: Ação de todos!

Proposta para Produção de Texto - 7º ano



Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

Fonte: Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um **texto argumentativo** a respeito do seguinte tema:

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- _ Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- _ O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- _ O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- _ A redação deve ser desenvolvida na folha própria e escrita com caneta esferográfica de tinta com azul ou preta.

E. Proposta para Produção de Texto - 8º ano



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia
Centro de Ensino Fundamental X de Ceilândia



Projeto Interdisciplinar - Ler e Escrever: Ação de todos!

Proposta para Produção de Texto - 8º ano



Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

Fonte: Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um **texto argumentativo** a respeito do seguinte tema:

A LEITURA FAZ O HOMEM

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- _ Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- _ O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- _ O texto deve ter, no mínimo, 18 (dezoito) linhas escritas.
- _ A redação deve ser desenvolvida na folha própria e escrita com caneta esferográfica de tinta com azul ou preta.

F. Proposta para Produção de Texto - 9º ano



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia
Centro de Ensino Fundamental X de Ceilândia



Projeto Interdisciplinar - Ler e Escrever: Ação de todos!

Proposta para Produção de Texto - 9º ano

Uma vez que nos tornamos leitores da palavra, invariavelmente, estaremos lendo o mundo sob a influência dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavra permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, simbiótico, entre realidade e ficção.

Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letrados, números faz com que passemos a olhar, a questionar, a buscar, decifrar o desconhecido. Antes mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia, um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto.

São muitas as razões para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber, de atribuir significado ao que ler.

Fonte: Inajá Martins de Almeida. O ato de ler. Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).



Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

Fonte: Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um **texto dissertativo** a respeito do seguinte tema:

O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- _ Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- _ O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- _ O texto deve ter, no mínimo, 20 (vinte) linhas escritas.
- _ A redação deve ser desenvolvida na folha própria e escrita com caneta esferográfica de tinta cor azul ou preta.

G. Folha para escrita final do texto*Produção de Texto*

“Escrever é falar no papel, usando a criatividade, a correção gramatical e a adequação ao tema e à tipologia proposta”.

5.	
10	
15	
20	

25	
30	
35	
40	

Ano:	Turma:	Prof.(a):	Data: ___/___/20__
------	--------	-----------	--------------------

Estudante:

Avaliação

Conceitos	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Total obtido
Aspectos estéticos (formal):	0,5	0,4	0,3	0,2	
Aspectos gramaticais	0,5	0,4	0,3	0,2	
Aspectos estilísticos	0,5	0,4	0,3	0,2	
Aspectos estruturais	0,5	0,4	0,3	0,2	
Nota final					

Aspectos estéticos (formal):

- a) letra legível
- b) paragrafação
- c) margens regulares
- d) travessão
- e) ausência de rasuras
- f) abreviação
- g) cacografia

Aspectos gramaticais:

- a) ortografia
- b) acentuação
- c) concordância verbal e nominal
- d) pontuação
- e) colocação pronominal
- f) regência verbal e nominal

Aspectos estilísticos:

- a) repetição de palavras
- b) frases longas
- c) emprego de palavras desnecessárias
- d) fuga ao tema
- e) coloquialismo
- f) construções incongruentes e redundantes
- g) presença de elementos (conectivos) da língua falada
- h) pobreza e inadequação vocabular
- i) prolixidade

Aspectos estruturais:

Este aspecto é diferenciado para cada redação, principalmente se os gêneros forem diferentes. Este é o aspecto principal da avaliação.